



Universidade Aberta
Departamento de Educação e Ensino a Distância
MAE - Mestrado em Arte e Educação

O apropriar-se da Arte como uma forma de socialização

JANETE MOURA TEIXEIRA

Lisboa-PT

2018

O apropriar-se da Arte como uma forma de socialização

JANETE MOURA TEIXEIRA

Dissertação apresentada ao curso MAE - Mestrado em Arte e Educação em oferta na Universidade Aberta – PT do Departamento de ensino e Educação Distância, como requisito avaliativo para obtenção do título de Mestre, sob Orientação da Prof.^a Dr.^a Claudia Susana Coelho Neves e Co-orientação Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro de Sousa.

Lisboa-PT

2018

DEDICATÓRIA

Dedico essa Dissertação à Deus a meus filhos Luís Felipe e Matheus, a minha Orientadora Prof.^a Dr.^a Claudia Susana Coelho Neves, pela paciência e incentivo, a minha Co-orientadora Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro de Sousa por ter sido importante nesta construção, aos meus queridos educandos do Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana e da Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva, sujeitos de estudo desta investigação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus por ter me dado forças para construir essa pesquisa e discernimento para prosseguir mesmo diante de muitas dificuldades conseguir escrever.

A meu filho Matheus, que nesse longo percurso de construção, adoeceu, lutou e me deu forças para continuar. A meu filho Luís (in memoriam) que com apenas seis anos vê em mim incentivo para ser bom ser humano (Saudades sem fim).

A minha Co-orientadora Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Sousa que mesmo sem me conhecer pessoalmente, me acolheu em sua residência para orientações. A minha Orientadora Prof.^a Dr.^a Claudia Susana Coelho Neves meus mais puros e sinceros agradecimentos pela paciência, chamadas de atenção e chamados a continuar com a escrituração dessa dissertação.

Ao Professor Dr. Amílcar Martins um dos seres humanos mais incríveis que já conheci. Agradeço a minha Advogada Dr^a Taise Lôbo por cuidar de mim quando muito precisei.

Aos meus amigos e amigas de sempre Débora Araújo Leal (amiga-irmã), a Kátia Daniele (Diretora do CEB-UEFS), Rute, Delvanés, Julival, Marines e demais profissionais que me auxiliaram nessa caminhada.

As minhas queridas amigas Gilvânia e Fernanda (colegas do curso de psicologia) que soube ser família e amparo em momentos cruciais. Agradecimentos especiais aos meus alunos que aceitaram ser sujeitos de estudo e investigação. A todos vocês: **MUITO OBRIGADA!**

O arte-educador pode pesquisar ao redor da escola, no bairro onde trabalha, fazer uma caminhada atenta e perceber as imagens e manifestações artísticas que emergem no local e elaborar um inventário artístico-cultural da região. Identificar as manifestações que contenham artisticidade pode ser um trabalho coletivo dos alunos, orientados pelo professor. Existem muitos locais e eventos para visitar e discutir arte com os alunos (ARSLAN: IAVELBERG, 2009, p. 41-42).

RESUMO

Este estudo propôs tratar reflexões na educação sobre o apropriar-se da arte como estratégias de socialização de sujeitos contribuindo para inclusão e socialização de educandos da Educação Básica. É resultado de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa. É interessante essa perspectiva metodológica por utilizar a pesquisa-ação como método, permitindo assim, ao pesquisador entender os fenômenos sobre a ótica dos participantes da situação estudada e a partir daí ter realizado as interpretações necessárias. O projeto foi realizado em duas Escolas Públicas Municipais- EMPNMPS Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva e CEB – Centro Municipal de Educação Básica, nos municípios de Santo Estevão e Feira de Santana, no estado da Bahia, Brasil. Participaram deste estudo 18 alunos, com a realização de seis oficinas didáticas, na qual a arte foi o instrumento de interação. A pesquisa visou analisar possíveis mudanças comportamentais dos sujeitos após interação com expressões artísticas. Compreender que algumas competências são importantes para se relacionar com os outros e consigo mesmo, compreender e gerir emoções, estabelecer e atingir objetivos, tomar decisões autônomas e responsáveis e enfrentar situações adversas de maneira criativa e construtiva, tendo a escola como um território promissor para a conquista desses objetivos. É fundamental que a escola possa trabalhar com os alunos competências que englobem os aspectos cognitivos e sócio emocionais de responsabilidade, colaboração, comunicação, criatividade, autocontrole, pensamento crítico, resolução de problemas e abertura ao outro. O Ministério da Educação, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais- (Pensa), enfatiza que a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. O interessante nessa reflexão é a possibilidade de relacionar-se com a arte de forma criadora partindo do pressuposto que conhecendo a arte de outras culturas, os alunos podem compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que podem criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana e relacionando criativamente consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Palavras chaves: Artes, Educação, Inclusão, Socialização, Cidadania.

ABSTRACT

This study proposes to treat reflections in education about the appropriation of art as strategies of socialization of subjects contributing to the inclusion and socialization of Students of Basic Education. Is the result of field research, qualitative approach. It is interesting this methodological perspective to use the action research as a method, thus allowing the researcher to understand the phenomena about the participants' perspective of the situation studied and from that point on, have performed the required interpretations. The project was carried out in two Municipal Public Schools, EMPNMPS – Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva and CEB – Centro Municipal de Educação Básica, in the municipalities of Santo Estêvão and Feira de Santana, in the State of Bahia. 18 students participated in this study, with the realization of six workshops in which art was the instrument of interaction. The research aimed to analyze possible behavioral changes after interaction with artistic expressions. Understand that some skills are important to relate to others and with yourself, to understand and manage emotions, to establish and achieve goals, take autonomous and responsible decisions and face adverse situations in a creative and constructive way, with the school as a promising territory for the achievement of these goals. It is fundamental that the school can work with the students competences that encompass the cognitive and socioemotional aspects of responsibility, collaboration, communication, creativity, self-control, critical thinking, problem solving, and openness to other. The Ministry of Education, through the National Curricular Parameters - (PCNs), emphasizes that art education fosters the development of thinking artistic, which characterizes a particular way of giving meaning to the experiences of people: through him, the student broadens the sensibility, the perception, the reflection and the imagination. The interesting in this reflection is the possibility of relating to art in a creative way based on the assumption that by knowing the art of other cultures, students can understand the relativity of the values that are rooted in their ways of thinking and act, which can create a field of meaning for the valuation of what is own and openness to the richness and diversity of the human imagination and relating creatively with yourself, with the other and with the world.

Kay-words: Art, Education, Inclusion, Socialization, Citizenship

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB-UEFS – CENTRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE FEIRA DE SANTANA

EMPNMPS – ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA NEUZA MARIA PIRES DA SILVA

CSU – CENTRO SOCIAL URBANO

PCNs – PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS

UEFS – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

IDH – ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

BA – BAHIA

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 01. TERMOS DE CONSENTIMENTOS

APÊNDICE 02. QUESTIONÁRIOS AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

APÊNDICE 03. QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS

APÊNDICE 04. FOTOGRAFIAS DAS OFICINAS

ÍNDICE

CAPÍTULO I - MARCO INTRODUTÓRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 Contexto de trabalho	17
1.2 Questão orientadora	17
1.3 Problemática	19
1.4 Objetivos Gerais	19
1.5 Objetivos Específicos	19
1.6 Justificativa	20

CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO

2. ARTE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO	20
2.1 Arte e história: Breve reflexão	20
2.2 Arte e educação: Processos de Educação Social	22
2.3 Arteterapia: uma trajetória de autoconhecimento em contextos educativo	23
2.3.1 <i>O sofrimento psíquico: mecanismo de inibição social</i>	27
2.4 Escola espaço de interação e socialização	29
2.5 HIPÓTESE	31

CAPÍTULO III- CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

3. LOCAL DE APLICAÇÃO E SUJEITOS ENVOVIDOS	32
3.1 Escolas	32
3.2 Profissionais envolvidos	34
3.3 Perfil dos participantes – alunos	35

CAPÍTULO IV - MARCO METODOLÓGICO

4. TIPO DE INVESTIGAÇÃO	36
4.1 IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO – Momentos	37
4.2 Primeiro Momento: Fundamentador	37
4.3 Segundo momento: aplicação das oficinas	56
4.4 Terceiro momento: Avaliar	56

CAPÍTULO V – MARCO ANALÍTICO

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	57
5.1 Ambiente escolar	57
5.2 Caracterização dos grupos	58
5.3 Análise dos dados coletados dos alunos	59
5.3.1 Antes das oficinas	59
5.3.2 Durante as oficinas	66
5.3.3 Análise final	76

CAPITULO VI – MARCO AVALIATIVO

6. Estratégias de avaliação e retroação: Indicadores de avaliação e de impacte 78

CAPÍTULO VII – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

7. CONCLUSÕES 81

8. RECOMENDAÇÕES 82

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

CAPÍTULO I - MARCO INTRODUTÓRIO

1. INTRODUÇÃO

Este estudo de natureza qualitativa visa mostrar os resultados de uma pesquisa ação subordinado ao tema o apropriar-se da Arte como uma forma de socialização em contextos educativos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Brasileira- PCNs (1997) em Artes traz em seus objetivos iniciais, que os estudos das artes em seu modo geral, desenvolve o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania, bem como, questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

As duas Escolas Públicas Municipais brasileiras que serviram de campo investigativo foram: Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva, localizado no Município de Santo Estevão, Bahia e o Centro Municipal de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana, localizado no Município de Feira de Santana no Estado do Bahia. Participaram desta pesquisa profissionais da Educação, alunos e seus respectivos familiares, através de participação direta e/ou por questionários/entrevistas.

Os resultados deste estudo foram estruturados em cinco capítulos. O primeiro capítulo retrata o contexto de trabalho, local onde a pesquisa foi realizada e onde a problemática foi pensada. O segundo capítulo faz-se uma reflexão crítica reflexiva sobre diversos teóricos, dentre eles FISCHER (1983), que em seus estudos sobre a necessidade da arte através da história da humanidade relata que em todas as suas formas de desenvolvimento, na dignidade e comicidade, na persuasão e na exageração, na significação e no absurdo, na fantasia e na realidade, a arte tem sempre um pouco a ver com a magia. A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo, bem como, a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.

FREIRE (1987), um grande incentivador educacional da classe proletariado no Brasil, acredita que em sala de aula, os dois lados (professor X aluno) aprenderão junto, um com o outro - e para isso é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, garantindo a todos a possibilidade de se expressar. Uma das grandes

inovações da pedagogia freireana é considerar que o sujeito da criação cultural não é individual, mas coletivo.

O terceiro capítulo descreve mais detalhadamente o local de aplicação e caracterização dos sujeitos envolvidos levando em consideração aspectos relevantes da ambientação escolar, dos profissionais da educação e comunidade escolar.

O quarto capítulo refere-se ao marco metodológico, ao qual explicita-se o projeto de investigação-ação, os momentos de implementação, norteamento e procedimentos para aplicabilidade desta pesquisa.

Após aplicar a pesquisa é hora de analisar os resultados. O capítulo V, intitulado de Marco analítico, apresenta os resultados da coleta de dados antes, durante e após a realização das oficinas. O capítulo VI – Marco avaliativo - avalia o processo da pesquisa: Avaliação e retroação. Por fim, o último capítulo dedica-se a recomendações e conclusões da pesquisa.

1.1 Contexto de trabalho

Sou professora de artes em duas escolas públicas no Brasil, região Nordeste no Estado da Bahia. O Nordeste é muito conhecido devido sua localização litorânea com lindas praias paradisíacas. Dividido em 09 estados, a economia encontra-se em desenvolvimento. A região apresenta vários problemas de ordem sócio socioeconômica. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas- IBGE- (2010), os estados do Nordeste ocupam as últimas colocações no ranking nacional de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

O estado da Bahia – BA, segundo dados do IBGE (2010), analisados pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, divulgado pelo PNUD é o estado mais populoso do Nordeste possuindo mais de 14 milhões de habitantes. Ocupa a sexta posição do PIB no Brasil, mas ocupa a 22ª posição no ranking nacional de IDH. Os altos índices de desigualdades sociais e concentração de renda, longevidade, educação dentre mais de 180 critérios são avaliados para calcular o IDH.

O projeto de investigação-ação foi realizado em duas escolas Públicas Municipais, Escola Municipal Neuza Maria Pires da Silva, localizado no Município de Santo Estevão-Ba e Centro Municipal de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana – CEB-UEFS, no Município de Feira de Santana-Ba.

Nesse contexto, há treze anos venho tentando, por meio das atividades escolares, conduzir e orientar novas perspectivas de vida, partindo do trabalho com os recursos artísticos que nos são possibilitados, tais como: trabalhos com poemas, poesias, pinturas, visitas a museus, dança, pequenas dramatizações, etc. Nestas atividades é possibilitada uma forma de aproximação da pessoa consigo mesmo e com os demais indivíduos por possibilitar uma valorização dos alunos enquanto sujeitos sociais ativos e participativos acreditando que através de atividades que valorizam e promovam a elevação da autoestima cria-se possibilidades de melhorias na socialização e reabilitação.

1.2 Questão orientadora

Baseada em meus 13 anos de experiência educacional tanto em Gestão Escolar quanto Regência de classe sinto e reconheço que a arte perpassa por todos os campos sociais, cabe a nós sensibilidade para fazer-nos sentir e apropriar-se dela. Percebo que a arte e a educação abordam a intersubjetividades dos relacionamentos, da expressão, da comunicação, do sentir-se e fazer-se sentido. Tomemos como exemplo as imagens, seus

significados poéticos numa propaganda de TV, revistas, nas ruas ou em outros ambientes, como elas são apelativas e procuram tocar, denotar, abrir a aventura do que se apreende e se propicia em termos de socialização e o dinamismo que se faz tão necessário ao convívio dos grupos. Os grupos e as suas interatividades potenciam e geram aprendizagens, quando há dinâmicas favoráveis baseadas na liberdade e na criatividade.

[...] é mister um posicionamento a favor do ser humano pleno; pleno nas suas diversas possibilidades e faculdades intelectuais e afetivas. Isso é também um posicionamento político contra todas as formas de prejuízo ou detrimento da omnilateralidade humana, pois o ser humano é um ser de carências, é um ser que carece para além de suas necessidades físicas. É exatamente o suprimento dessas outras necessidades, ditas necessidades ontológicas, relativas ao ser, que o definem em sua humanidade. A arte é uma necessidade ontológica; [...] (FERREIRA, 2013, p. 201).

O acesso à arte, apenas verdadeiramente possível se aciona e engendra conhecimento em arte, é um direito humano universal. Assegurá-lo às e aos estudantes matriculadas e matriculados nas escolas da Rede Pública Municipal é a primeira e maior das motivações para o ensino de Arte. Ensinar e aprender arte na escola são condições, não exclusivas, mas fundamentais, para a garantia do direito à cidadania cultural pela qual devemos lutar nós, defensoras e defensores de uma educação que considera e preza o ser humano em sua integralidade.

O acesso à arte é um direito a ser garantido pela escola, por meio de seu ensino e aprendizagem no tempo e no espaço da aula de Arte. Por isso o acesso à arte é um direito: a arte humaniza os sujeitos. O ambiente escolar, possuidor de uma grande variedade de sujeitos e dessas diversidades surgem conflitos. A arte nesse contexto, surge como uma possibilidade para o estímulo a aprendizagem significativa no sentido em que apropriando-se das expressões artísticas e suas aplicabilidades utilizadas como ferramentas educacionais e sociais como uma forma de socialização. Nesse contexto, surge o problema: Como apropriar¹-se da arte pode funcionar como uma forma de socialização? Esse questionamento após ser refletido e debatido com diversas teorias tanto no campo educacional quanto das artes resultou na problemática a seguir:

1.3 Problemática

¹ Apropriar: Tornar próprio. Acomodar. Aplicar, atribuir. Tornar ou ser adequado ou conveniente a. Apossar-se. Tornar-se uma coisa alheia. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27 Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/apropriar>>. Acesso em: 04 Jul. 2017

Como na educação a arte pode mediar a socialização? Um bom programa de arte na escola deve partir da convicção de que arte não é um ornamento, mas parte do nosso patrimônio cultural, merecendo o mesmo tipo de atenção que outras disciplinas dentro do currículo escolar. Qualquer aluno pode se expressar por meio da arte, dominar seus conteúdos e usufruir de sua apreciação, em maior ou menor grau. A arte nesse estudo é apresentada como uma ferramenta essencial no desenvolvimento de sujeitos sociais participativos e proativos.

1.4 Objetivos Gerais

Destaco como objetivos principais nesse estudo de investigação-ação o aprofundamento da análise sobre os sentidos da arte na educação a partir da investigação sobre o papel da arte na educação, como forma de contribuição para a socialização de adolescentes identificando os aspectos positivos e negativos dos sujeitos que foram inseridos em grupos onde se desenvolveram atividades.

1.5 Objetivos Específicos

- ✓ Identificar alunos da Educação Básica de duas escolas públicas brasileiras com dificuldade de socialização;
- ✓ Verificar aspectos que podem causar sofrimentos por estes alunos com dificuldade de socialização;
- ✓ Promover discussões sobre os sentidos da arte na educação com os sujeitos envolvidos;
- ✓ Investigar como na educação a arte pode mediar a socialização;
- ✓ Promover oficinas de artes com os alunos identificados da Educação Básica de duas escolas públicas brasileiras com dificuldade de socialização;
- ✓ Analisar o processo de socialização destes alunos durante as oficinas;
- ✓ Avaliar os aspectos positivos e negativos dos sujeitos antes e após inserção nos grupos das oficinas de artes.

1.6 Justificativa

Justificar essa pesquisa é antes de tudo chamar atenção para a importância do estudo e pesquisas das artes no processo de formação social das crianças e adolescentes desde sua base escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) da Educação brasileira de Artes traz em sua fundamentação que Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender, de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo.

Ao pensar sobre a arte como uma forma de socialização e reabilitação comungo ainda com os PCNs (1997) ao afirmar que os dinamismos do homem que apreende a realidade de forma poética e os do homem que a pensa cientificamente são vias peculiares e irreduzíveis de acesso ao conhecimento, mas, ao mesmo tempo, são dois aspectos da unidade psíquica. Há uma tendência cada vez mais acentuada nas investigações contemporâneas no sentido de dimensionar a complementaridade entre arte e ciência, precisando a distinção entre elas e, ao mesmo tempo, integrando-as numa nova compreensão do ser humano.

CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO

2. ARTE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO

2.1 Arte e história: Breve reflexão

Os mais de 13 anos como professora de artes me faz refletir sobre a importância das artes nos processos de construção social e como esta representa a cultura e os modos de vida de um povo. Nesse sentido, arte é analisada como fonte de conhecimento, um importante instrumento para o empoderamento histórico e cultural em quaisquer áreas do saber.

Proença (1994), afirma que o não conhecimento da história sobre o viés das artes poderá deixar nos sujeitos uma lacuna que o impede de ter uma visão mais abrangente do processo cultural como um todo, uma vez que o conhecimento das artes plásticas facilita a compreensão das obras literárias e é uma fonte de referência importantíssima para o entendimento do processo histórico. Além disto, fica privado de aspectos mais ricos e significativos da produção humana em todos os tempos e do encantamento e das emoções despertadas pelas obras de artes ou por toda e qualquer tipo de produção de artes.

O Ministério da Educação brasileiro através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirma que o ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida.

Para que possa fazer sentido essa explanação, basta rememorar quando ao visitar um museu o primeiro impacto é observar que muitos dos objetos expostos têm uma utilidade evidente: basta vê-los para logo sabermos para que servem; outros, por serem mais complexos, exigem que alguém mais informado explique seu funcionamento e sua finalidade. Contudo, o ser humano também produz coisas que, apesar de não terem uma utilidade imediata, sempre estiveram presentes em sua vida. É a respeito delas que nos perguntamos por que e para que foram feitas? Nesse sentido, verifica-se que o homem cria objetos não apenas para se servir utilitariamente, mas também para expressar seus sentimentos diante da vida, que com o passar dos anos torna-se uma fonte de memória histórico-cultural.

Proença (1994) traz a reflexão sobre as memórias do homem que mesmo antes da linguagem escrita deixou seu curso registrado desde o paleolítico. Para a autora tudo que

sabemos dos homens que viveram nesse tempo é resultado da pesquisa de antropólogos e historiadores, *que reconstituíram a cultura do homem da Idade da Pedra a partir de objetos encontrados em várias partes do mundo, e de pinturas achadas no interior de muitas cavernas na Europa, Norte da África e Ásia (PROENÇA, 1994, pg.11).*

O objetivo deste estudo não é historicista, pois não daria conta explicar todo processo de construção humana, mas fazer refletir sobre esses processos e suas implicações nas diversas formas de relações estabelecidas ou não pela humanidade. Logo, trago para essa viagem reflexiva versos do poema *o sentido das coisas* que ajuda a compor o segundo ato da peça teatral *sonho de uma flauta* do grupo Teatro Mágico:

O sentido das coisas

“Nem toda palavra é
 Aquilo que o dicionário diz
 Nem todo pedaço de pedra
 Se parece com tijolo ou com pedra de giz
 [...]
 Tem aquele que parece feio
 Mas o coração nos diz que é o mais
 bonito
 Descobrir o verdadeiro sentido das coisas
 é querer saber demais
 Querer saber demais
 [...]”

O TEATRO MÁGICO. *Sonho de uma flauta*. In: O Teatro Mágico: segundo ato. CD, 2008. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/sonho-de-uma-flauta.html>>. Acesso em: 2 abr. 2013.

É interessante saber que o papel da arte não é o mesmo em cada época, lugar ou cultura. A maneira como nos relacionamos com a arte também está sempre em mudança. Ao longo dos tempos, criamos diferentes modos de fazer arte, por razões diversas. Na contemporaneidade, as maneiras de criar arte são ainda mais variadas. Isso requer investigar como os seres humanos produzem arte e cultura. Assim como, as pessoas, a cultura está em constante movimento, em fluxos de pensamentos, valores e gostos.

2.2 Arte e educação: Processos de Educação Social

O Ministério da Educação-MEC, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais- (PCNs), comunga da reflexão que a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação.

Compreende-se, nesse sentido, que aprender arte envolve, além de fazer trabalhos artísticos o apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. Os PCNs de Arte expõem uma compreensão do significado da arte na educação, explicitando conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, quanto no que se refere à arte como manifestação humana.

O interessante nessa reflexão é a possibilidade de relacionar-se com a arte de forma criadora partindo do pressuposto que conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor.

Esse estudo comunga com as reflexões propostas pelos PCNs, principalmente, ao que se refere os objetivos principais da arte na educação: compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; bem como, posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas.

O ensino e estudo da arte abre perspectivas para que o sujeito tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

Arte-Educação para a pesquisadora Barbosa e Ciornai, (2000) tem objetivado a aprendizagem, focado no desenvolvimento do grupo tendo como fio condutor educação, crescimento e ênfase no contexto.

Diante do exposto percebe-se uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos.

A arte também está presente na sociedade em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades; o conhecimento em artes é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos.

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é também condição fundamental para aprender e a conviver socialmente.

2.3 Arteterapia: uma trajetória de autoconhecimento em contextos educativo

Há uma tendência cada vez mais acentuada nas investigações contemporâneas no sentido de dimensionar a complementaridade entre arte e ciência, precisando a distinção entre elas e, ao mesmo tempo, integrando-as numa nova compreensão do ser humano. Nova, mas nem tanto.

Existem muitas obras sobre o fenômeno da criatividade que citam exemplos de pessoas que escreveram a respeito do próprio processo criador. Artistas e cientistas relatam ocorrências semelhantes, tornando possível a sistematização de certas invariantes, como por exemplo, o ponto culminante da ação criadora, a famosa “Eureka!”: o instante súbito do “Achei!” pode ocorrer para o matemático na resolução repentina de um problema, num momento em que ele não esteja pensando no assunto. Da mesma forma, um músico passeava a pé depois do almoço, quando lhe veio uma sinfonia inteira na cabeça; só precisou sentar depois para escrevê-la. É claro que nos dois casos, tanto o

matemático quanto o músico estiveram durante um longo tempo anterior maturando questões, a partir de um processo contínuo de levantamento de dados, investigando possibilidades.

Nesse sentido, conceituar Arteterapia e inseri-la em contextos educativos ainda é algo que leva a muitas discussões. A definição conceitual mais aceita entre os pesquisadores e que atribui a arte como instrumento terapêutico, sendo a arte vista como meio de expressão, de comunicação e linguagem. Valladares (2008) evidencia em seus estudos sobre Arteterapia como um processo terapêutico decorrente da utilização da arte como representação da vida e recurso mediador de interação com as pessoas.

O psicólogo Moraes (2010), afirma que o uso da arte como instrumento terapêutico já era difundido desde a Antiguidade. Velha conhecida e documentada pelos gregos desde o século V a.C. Se observarmos, a arte como instrumento de ordenação da realidade já era utilizada desde a pré-história. Esta vertente pode ser observada nas pinturas rupestres, aonde o homem já vem se diferenciando dos demais animais ao utilizar a criatividade para expressar e registrar seus modos de vida.

Numa visão psico-histórica pode-se analisar as pinturas rupestres juntamente com a produção de artefatos (pontas de lanças, machados, esculturas) como sendo os mais antigos documentos/evidências de ordenação psíquica. Esses documentos históricos nos narram o processo de como o homem foi interferindo no meio através do desenvolvimento de instrumentos e técnicas e, assim, de como foi descobrindo, a si mesmo e ao outro, e se diferenciando dos demais animais. As pinturas como a de Lascaux ou esculturas como a “vênus de Willendorf” nos mostram que o homem há cerca de 30 mil anos, já olhava para uma pedra ou para as paredes e via mais do que elas eram. Logo, podemos encarar a arte como a alma humana em movimento na história.

O uso contemporâneo da arte como instrumento terapêutico começou a ser sistematizado a partir dos anos de 1940. Desde então, técnicas inspiradas nas expressões artísticas vêm ganhando cada vez mais espaço entre os psicólogos.

Para Naumburg (1991), o processo de Arteterapia se baseia no reconhecimento de que os pensamentos e os sentimentos mais fundamentais do homem, derivados do inconsciente, encontram sua expressão em imagens e não em palavras. As técnicas da Arteterapia se baseiam no conhecimento de que cada indivíduo, treinado ou não em arte, tem uma capacidade latente de projetar seus conflitos internos em forma visual. Quando os pacientes visualizam tais experiências internas, ocorre frequentemente que eles se tornam mais articulados verbalmente.

Em 1992, a psicóloga Zimmermann em sua dissertação de mestrado na Universidade Estadual de Campinas no Brasil destacou que neste processo terapêutico ocorre à canalização da energia contida por meio da catarse, podendo desencadear a redistribuição da energia psíquica durante a elaboração artística, mencionando a oportunidade de oferecimento de espaço continente às projeções de conteúdos inconscientes durante o processo expressivo, discutindo também a questão da análise e interpretação das produções dos pacientes. Sobre esse último tema, considera que uma imagem pictoricamente produzida não é possível de ser compreendida e, portanto, interpretada de maneira adequada, se não tivermos informações prévias sobre a história de vida do sujeito que a elaborou.

Segundo a pesquisadora e psicóloga Ciornai (1995) relação da Gestalt terapia com criatividade se inicia em suas raízes na concepção existencial de ser humano na qual o ser humano é visto como estando sempre num possível estado de refazer-se, de poder escolher e organizar sua existência criativamente. A visão existencial afirma a capacidade humana de escolher seu próprio destino, de transcender limites e condicionamentos.

Para Kugler, (2002) os estudos que vinculam a arte a prevenção e ao tratamento psicológico têm forte influência freudiana ao considerar no trabalho terapêutico o suporte da arte espontânea durante a psicoterapia, considerando que as imagens espontaneamente projetadas nas produções gráficas e plásticas permitem a expressão do inconsciente. Jung é um dos pioneiros em vincular o trabalho de arte ao tratamento de doenças relacionadas às patologias mentais. Segundo Jung, o princípio originário que rege a natureza humana é o mundo das imagens e, portanto, toda experiência humana tem seu desdobramento a partir dessa premissa. Ele atribui à imagem arquetípica - que também foi nomeada como imagem primordial - papel fundamental na constituição de todos os processos mentais, considerando que aí se configuram as vivências primordiais da humanidade.

Ciornai (2004) traz em suas pesquisas estudos sobre Arteterapia baseada na crença de que o processo criativo envolvido na atividade artística é terapêutico e enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. Arteterapia compreendido como *o uso terapêutico da atividade artística no contexto de uma relação profissional por pessoas que experienciam doenças, traumas ou dificuldades na vida, assim como por pessoas que buscam desenvolvimento pessoal* (CIORNAI,2004, pg. 08). A pesquisadora acredita ainda, que por meio do criar e refletir em artes as pessoas podem ampliar os conhecimentos de si e dos outros, aumentar sua autoestima, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico.

Segundo Vasconcellos e Giglio (2007) no tratamento das doenças psicológicas através das artes, em geral, observa-se inúmeras projeções do simbolismo humano, nos remetendo às imagens pessoais e impessoais (arquetípicas) descritas tão amplamente por Jung, o que justifica a grande influência do pensamento junguiano no desenvolvimento das práticas de arte terapêuticas nos dias atuais e tendo uma boa aceitação dentre os profissionais.

Neste estudo, deve-se lembrar que muitas situações podem gerar sofrimento psicológico e deste modo, a Arteterapia poderá ser usada também como um processo terapêutico, podendo lidar e aliviar com uma infinidade de sintomas e patologias que desestabilizam ou desestruturam o equilíbrio da personalidade humana.

O trabalho terapêutico sob o viés da arte deverá levar em consideração a história do sujeito. Para tanto, faz-se necessárias outras etapas que antecede a utilização da arte. A princípio, como já relatado, a arte é um objeto, um meio, uma ferramenta e sozinha não esgota as possibilidades de cura, mas é meio ao qual o sujeito poderá elevar sua capacidade criativa e aquisição de uma ampliação da consciência, buscando novas formas de ver, rever, reinventar e pintar novas faces de si para o mundo e novas possibilidades de relacionar-se e posicionar-se como sujeito sociocultural que é.

2.3.1 O sofrimento psíquico: mecanismo de inibição social

O termo sofrimento psíquico para a psicologia é um tema bastante amplo. Como não é objeto de estudo deste trabalho, aqui segue, apenas uma nuance de como a psicologia trata nesse sentido. Para a psicoterapia o sofrimento psíquico também é entendido, a partir da perspectiva das psicologias narrativas, como uma construção social. Marilena Grandesso (2000), afirma que a doença psíquica não pode ser entendida senão a partir do contexto sociocultural em que se forja, ou seja, são situações de interações sociais que definem determinadas formas de se comportar ou de conceber o mundo e a si mesmo como patológico. A partir disso, há um processo de rotulação das pessoas identificadas como possuidoras de características “anormais” que pode tanto estigmatizá-las como tornar suas formas de ser e de agir previsíveis e controláveis, confortando-as, por um lado, mas contaminando todas as esferas de sua vida, a partir dessas visões preconcebidas. Essas metaconcepções predominam pelo fato de serem emitidas por instituições que exercem o poder em determinada sociedade cujos discursos não são contestados pelos interlocutores desta comunidade linguística. Assim, as psicologias de base narrativista não falam do sofrimento psíquico como um estado interno e ontológico

ao indivíduo e, sim, de práticas sociais que conduzem esse indivíduo a um estado de “não adaptação”, ou seja, de crise.

Durante as discussões da disciplina Filosofia da Arte, do Mestrado em Arte e Educação, discorreremos sobre o artista expressionista Vicent Van Gogh que nasceu na Holanda em 30 de março de 1855. Considerado um dos maiores pintores de todos os tempos foi o precursor do expressionismo novecentista, partilhando no início as ideias de Gauguin e dos elementos do grupo de Pont-Aven opta por um caminho oposto que lhe permite maior liberdade para exprimir as suas emoções surgindo como resposta aos problemas de psicológicos que o levaram a cortar a sua própria orelha devido ao descontentamento por não conseguir perfeição em seu autorretrato. Se bem observado a Obra *O retrato de um camponês* é pintado com uma das orelhas faltando um pequeno pedaço.



Retrato de um Camponês

Em Arles produziu obras que encarnam a sua percepção da cor como divina e mostram o seu respeito pela natureza. Em 1890 foi para Auvers, para casa do doutor Gachet, suicidando-se nesse mesmo ano, após várias crises nervosas. Fez pouco sucesso em vida, conseguindo vender apenas um único quadro a "Vinha Encarnada".

Van Gogh ficou famoso pela maneira como usava a luz e a cor. As cores intensas e luminosas, a simplificação da forma, a pincelada agitada, a tinta aplicada em diversas camadas espessas. Ele espalhava a tinta na tela com grossas pinceladas ou com uma espátula. A sua obra pós-impressionista influenciou a maioria dos grandes movimentos artísticos do século XX.

O exemplo de Van Gogh é apenas para elucidar que pelo viés da arte o indivíduo expressa sua individualidade, seus anseios mais profundos, ora se libertando, ora tendo que lidar diretamente com o que mais lhe aflige.

A arte literária também deixou seu legado com Edgard Allan Poe (1809 - 1849). Mais conhecido por seu poema "The Raven"(O Corvo), o escritor Edgar Allan Poe escrevia compulsivamente histórias de detetives e de horror. Em seus contos tensos, ele dava bastante ênfase à forma e à estrutura. Seu conto "Os Assassinos da Rua Morgue", publicado em 1841, é chamado com frequência de primeira história moderna de detetives. Essa vertente tem relevância nessa pesquisa o sentido da arte literária também poder funcionar como possibilidade de esvaziamento de tensões psicológicas por meio da escrita.

Muitos artistas, expressivos quanto ao reconhecimento e expansão de sua arte, apresentaram quadros patológicos que mereceram importantes estudos sobre os sofrimentos psicológicos que acometeram a classe. Além dos já citados Vincent van Gogh e Edgard Allan Poe, personalidades como Paul Gauguin, Lord Byron, Liev Tolstói, Serguei Rachmaninov, Piotr Ilitch Tchaikóvski, Robert Schumann - o célebre poder criativo de todos eles caminhava lado a lado com uma instabilidade psíquica claramente dotada de possíveis traços patológicos. Veja a seguir um exemplo da brilhante obra de Liev Tolstói. (O Escritor Russo Liev Nicoláievitch Tolstói (1828-1910), em quadro de Ilia Repin (1891). Liev Tolstói durante Repouso na Floresta. Coleção da Galeria Tretiakov, Moscou).



Repouso na Floresta

Hoje em dia, a arte serve de terapia com grande expressão e aceitação no mundo tanto da clínica quanto da educação como forma de alívio das tensões, visto que por meio desta explora-se criativamente as sensações do inconsciente.

Diante destes grandes artistas, as teorias psicológicas tateiam na arte um campo de liberação das tensões. Muito ainda tem a ser estudado, mas o que devemos levar em consideração é que pelas vias da arte é possível conciliar tratamentos que amenize as dores da alma, libertando assim o homem, através do processo criativo.

2.4 Escola espaço de interação e socialização

Esta pesquisa, como já elucidado, pretende buscar embasamento na filosofia, historicidade, pedagogia e estudos comportamentais para melhor compreender sobre como a arte poderá manifestar os sentimentos, as expressões por palavras ou gestos; as manifestações por meio do trabalho com artes plásticas; as diversas formas do comunicar, entender e ser entendido e por fim fazer conhecer as ideias ou sentimentos do grupo pesquisado.

Para Nise da Silveira (2003) atribuímos grande importância à imagem em si mesma. Se o indivíduo que está mergulhado no caos de sua mente dissociada consegue dar forma às emoções, representar em imagens as experiências internas que o transtornam, se objetiva a perturbadora visão que tem agora do mundo, estará desde logo despotencializando essas vivências, pelo menos em parte, de suas fortes cargas energéticas, e tentando reorganizar sua psique dissociada.

Moosburger (2007) ao analisar o texto “Origem da obra de arte”, ensaio publicado pela primeira vez em 1950, fruto de três conferências realizadas por Heidegger em 1936. Neste verifica-se que Heidegger traz a discussão sobre o papel da arte na sociedade evidenciando que a função de uma obra de arte deve ser voltada para o grupo, seu entendimento de alguma forma deve partilhar o entendimento do grupo social. A arte para este filósofo é uma apropriação do povo, sendo o homem um ser de possibilidades.

O professor pesquisador Amílcar Pinto Martins (2002) traz importantes discussões sobre as aplicabilidades das artes como uma rica fonte de expressão no campo educacional. Em seu livro *Didática das Expressões* é possível verificar quão amplo são os estudos sobre a importância da arte aplicados a Educação. Alguns aspectos devem ser levados em consideração na elaboração educacional adequada das expressões artísticas e que são extremamente relevantes para um ensino de qualidade e que os trabalhos com as expressões artísticas sejam significativas, tais como: objetivos gerais de ensino; acentuações a privilegiar face ao contexto; princípios de orientação pedagógica e didática; perfil de atitudes e competências do educador; formas de intervenção; retroação, reflexão e auto avaliação; investigação-ação sobre as experiências educativas.

Estes são alguns dos teóricos, estudiosos que pretendo enfatizar para embasar esta pesquisa. Para que possamos entender a aplicabilidades das artes como forma de socialização e ressignificação dos sujeitos. Sente-se a necessidade do alargamento de

estudos nos campos da educação, filosofia com uma interação dos estudos do comportamento humana, a psicologia.

2.5 HIPÓTESE

Muitas questões foram surgindo no percurso de trabalho enquanto profissional da educação acerca dos valores, formas de convivências sociais e posicionamentos perante as situações que diariamente fazem-se necessários enfrentamentos criativos. Nessa trajetória, a preocupação com o bem-estar dos sujeitos sempre esteve em foco. A arte, ou Ensino da Educação Artística é o instrumento indutor de oportunidades, de interação entre a criatividade e ampliação da consciência dos alunos enquanto sujeitos sociais. A imersão do sujeito nas relações sociais é uma possibilidade de condução ao exercício pleno da cidadania.

Nesse sentido, percebe-se a arte como mecanismo de ampliação da criatividade e como tal, poderá ser um meio eficiente na reelaboração de posicionamentos comportamentais, criativo, podendo conduzir os sujeitos a formas de convivência saudáveis, propulsora de alívio das tensões psicológicas responsáveis pelo isolamento ou restrições de comportamentos ao convívio grupal.

CAPÍTULO III- CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

3. LOCAL DE APLICAÇÃO E SUJEITOS ENVOVIDOS

A escola, espaço de aprendizagens e múltiplas relações sociais tendo como uma de suas funções o desempenho social de formadora de sujeitos históricos, precisa ser um espaço de socialização que possibilite a construção e a propagação do conhecimento produzido, tendo em vista que esse conhecimento não é dado a priori. Trata-se de conhecimento vivo e que se caracteriza como processo em construção.

A pesquisa foi desenvolvida com alunos de duas Instituições de Ensino, as quais sou professora do quadro efetivo de funcionários: Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva- **EMPNMPS** e Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana- **CEB-UEFS**.

Segue abaixo descrição das principais características das duas escolas as quais foram desenvolvidos os estudos.

3.1 Escolas

A **Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva**, de acordo com o Projeto Político Pedagógico- PPP da Unidade Escolar, foi criada na década de 80, numa comunidade rural do município de Santo Estevão, estado da Bahia visando atender educacionalmente filhos de horticultores da Várzea da Casa apenas com a modalidade de Ensino para as séries iniciais.

Atualmente, quanto à estrutura organizacional desta Unidade de Ensino, é um estabelecimento constituído de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, EJA - Aceleração I e II, Estágios I e II, está localizada na comunidade Rural Várzea da Casa.

Os alunos atendidos são oriundos de 19 comunidades: Várzea da Casa, Várzea Suja, Altamira, Caboclo, Pai João, Areal, Primavera, Dique, Poço Escuro, Fazenda Candealinho, Fazenda Brejo, Campo da Onça, Fazenda Paulista, Lagoa do Capim, Lagoa Lavrada, Lagoa das Ovelhas, Tapera, Rebouças, Pereira.

Em relação às condições socioeconômicas e culturais podemos afirmar que a maioria das famílias é de baixa renda, sobrevivendo de serviços informais que não geram uma renda fixa ou a garantia dos direitos trabalhistas como Carteira de

Trabalho assinada. Outro dado que demonstra a renda desta comunidade é o número considerável de famílias atendidas por programas sociais, relatados na ficha de matrícula como: Bolsa Família.

Faz-se importante também observar o baixo nível de escolaridade das famílias da Comunidade escolar, que apresenta um grande número de analfabetos, os quais conseguem, ainda com certa dificuldade, assinarem o próprio nome. A maioria possui apenas o Ensino Fundamental incompleto.

De acordo com a realidade brasileira na qual a escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva está inserida verificam-se, dentre as já citadas, outras características sociais que refletem no processo de ensino e aprendizagem. Exemplifica-se aí a violência, a desigualdade social, dentre outros.

A violência quando se manifesta no âmbito escolar é denominada como indisciplina, e pode ser de alunos com relação a outros alunos e de alunos com relação ao corpo docente. Nos dois casos, sabe-se que o aluno está refletindo, em parte, a sua realidade, a sua situação de vida.

Quanto à desigualdade social, que se torna cada vez mais evidente e visível mediante observação das privações identificadas com os alunos. Os alunos têm na escola um espaço motivador para novas possibilidades de vida.

No que diz respeito ao município, esta instituição tem grande importância, sendo que o número de alunos atendidos nas diferentes séries é significativo e ela está situada em um ponto estratégico para atendimento aos alunos das mais variadas comunidades como já mencionados acima. Na escala municipal a escola é classificada como de grande porte e tem grande importância, devido ao alunado que atende.

O Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana-CEB-UEFS, de acordo com o site oficial da Universidade, foi fundado, em 1998, através de um convênio firmado entre a Universidade Estadual de Feira de Santana e a Prefeitura Municipal de Feira de Santana, para atuar no seguimento da Educação Infantil ao Ensino Fundamental.

A instituição destaca-se, em Feira de Santana, pela oferta de educação de qualidade e por levar em consideração os aspectos individuais de cada aluno e seu ritmo de aprendizagem, para assim contribuir na formação do cidadão crítico, autônomo, atuante e integrado na sociedade. Além disso, o CEB, por meio de suas atividades planejadas, procura estimular a parceria família-escola, o respeito à diversidade social e a consolidação dos princípios da educação inclusiva.

Para concorrer às vagas na Educação Infantil ao Ensino Fundamental (Grupo 04 ao 9º ano), no Centro de Educação Básica da UFES, é necessária a inscrição para participação de Sorteio Eletrônico com objetivo a atender às demais condições previstas no Edital, que é divulgado no Portal da UFES.

Somente podem estudar no CEB/UEFS:

- Filhos (as) de servidores (as) técnico-administrativos, de professores (as) da UEFS e de professores (as) do CEB;
- Filhos (as) de estudantes da UEFS regularmente matriculadas (as), não sendo consideradas matrículas Institucional, Isolada e Especial;
- Filhos (as) de trabalhadores (as) de empresas terceirizadas que prestam serviço à UEFS (campus de Feira de Santana);
- Comunidade em Geral.

Para concorrer às vagas na Educação Infantil ao Ensino Fundamental (Grupo 04 ao 9º ano) é necessária a inscrição para participação de Sorteio Eletrônico e o atender às demais condições previstas no Edital, que é divulgado no Portal da Universidade.

O CEB-UEFS está localizado em dois prédios: da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental I, no prédio localizado na UEFS (Avenida Transnordestina, s/n, Novo Horizonte); do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental II, no prédio situado no Centro Social Urbano – CSU (Endereço: R. Tostão, S/N - Cidade Nova, Feira de Santana - BA, 44032-550).

3.2 Profissionais envolvidos

Toda comunidade escolar foi envolvida na pesquisa, seja de forma direta ou indiretamente. A escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva teve como parceiros nesse processo os funcionários da biblioteca Julival Santos Silva e Marines Cerqueira Leal em todos os momentos: auxílio com material bibliográfico, pesquisas, organização do espaço, avisos aos alunos, suporte em materiais didáticos e audiovisuais. Já no Centro de Educação Básica o projeto foi abraçado de forma mais democrática pela direção, coordenação e demais profissionais se posicionaram de forma mais tranquila e positiva quanto a condução dos trabalhos.

3.3 Perfil dos participantes – alunos

Os alunos envolvidos, nesse estudo, representam o perfil da escola e todos os fatores: sociais e econômicos que rodeia os educandos. A EMPNMPS por ser localizada em uma comunidade rural a relação com o conhecimento científico e tecnológico dos alunos é restrita. Nem todos faziam uso de recursos tecnológicos a exemplos de celulares com WhatsApp, ou acesso à internet. Advindos de famílias com baixa escolaridade, está na escola é um momento de lazer e diversão. A indisciplina, falta de interesse, agressividade verbal e física, fuga da realidade foram as principais queixas da equipe escolar a respeito dos alunos selecionados para participarem das oficinas.

Os alunos do CEB-UEFS convidados a participarem das oficinas são de famílias urbanas, com nível de escolaridades entre médio e superior. Os alunos que se interessaram pelo projeto foram os alunos tímidos, que gostavam de leituras e produções de textos. Apresentavam boas perspectivas de estudos futuros, com interesses em ingressar em cursos de graduação e pós-graduação. Não houve relatos de privações de necessidades básicas, como alimentação, vestimentas características que os diferem dos alunos da EMPNMPS, escola que fez parte da pesquisa. Os alunos desse grupo não apresentaram sinais de agressividade verbal ou física. As principais queixas da equipe escolar foram a introversão e pouca comunicação verbal.

CAPÍTULO IV - MARCO METODOLÓGICO

4. TIPO DE INVESTIGAÇÃO

O Estudo aqui apresentado é resultado de uma pesquisa com abordagem qualitativa, visto que essa modalidade investigativa oferece múltiplas possibilidades de investigação, e desta forma sendo promissora de um caráter reflexivo e dinâmico.

A abordagem qualitativa possibilita uma pesquisa com intervenções ao longo do processo, e dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo.

Maanen (1979) relata que esta pesquisa tem por objetivo traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social; tratando-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teorias e dados, entre contexto e ação.

Godoy (1995) enumera um conjunto de características das pesquisas qualitativas que aqui fazem importantes descrever: 1) o ambiente como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; 2) o caráter descritivo; 3) o caráter que as pessoas dão as coisas e a sua vida como preocupação do investigador; 4) enfoque indutivo.

Neves (1996) afirma que nas ciências sociais, pesquisadores, ao empregarem a pesquisa qualitativa estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social, busca-se visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenômeno. É interessante essa perspectiva metodológica por utilizar a pesquisa-ação como método, permitindo assim, ao pesquisador entender os fenômenos sobre a ótica dos participantes da situação estudada e a partir daí fazer intervenções.

Essa pesquisa-ação adotou como principal base teórica, fundamentado nos estudos sobre Arteterapia Gestáltica a pesquisadora Ciornai (2000) por permitir ampla reflexão de Arteterapia como canalizadora do trabalho de reestruturação e a reorganização mental do indivíduo, direcionando seu foco para os processos individuais, as emoções, as questões e as dificuldades de cada pessoa, cuja a ênfase está na subjetividade.

4. IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO – Momentos

Como já elucidado, esse estudo adotou como abordagem a pesquisa qualitativa, visto que oferece múltiplas possibilidades de investigação, e desta forma sendo promissora de um caráter reflexivo e dinâmico. A participação do sujeito investigador teve contato direto com os sujeitos investigados, a medida das realizações das oficinas.

Para realização desta pesquisa-ação muitas ações foram necessárias, principalmente ao que diz respeito as estratégias pedagógicas, as intervenções sociais. Primeiramente fez-se necessário realizar entrevistas com os grupos para conhecê-lo com prioridade e planejar com cautela as formas de intervenção e aplicações didáticas. Com base nessas informações, foram realizadas oficinas de arte. Nessas oficinas, foram abordadas temáticas com elaboração criativa de expressões que exploraram as potencialidades teatrais, plásticas, musicais e sensibilidade estética de modo geral. Após a realização destas oficinas os sujeitos envolvidos puderam dialogar suas experiências de forma criativa, levando os participantes a uma ampliação significativa dos fenômenos os quais, conseguiram compartilhar com o grupo. As experiências foram registradas processualmente. Conversas informais foram levadas em consideração bem como todas as discussões suscitadas. O pesquisador como agente atuante, participando como mediador-observador inferiu uma análise reflexiva cuidadosa dos aspectos observados. Em momento oportuno, se realizou registros fotográficos, audiovisuais das oficinas e demais atividades realizadas. A utilização de um bloco de anotações facilitou a elaboração estruturada desse documento.

Levando em consideração estudos efetuados pela pesquisadora Maria do Socorro Sousa (2014) a elaboração desta pesquisa-ação se deu em três momentos, por entendê-la como dinâmica de vida relacionados a sujeitos que reflete própria realidade, age e avalia as ações de forma dinâmica. Logo, três momentos pertinentes nesse estudo foram significativos. Veja a seguir:

4.1 Primeiro Momento: Fundamentação, exploração do campo e planejamento

Este foi um período fundamentador desta pesquisa-ação. Baseado em todos os pressupostos teóricos e estruturação coerentes das ações, foram iniciadas conversas e estabelecimento de metas com os responsáveis pelas Instituições Educacionais já estabelecidas nesse estudo. Após encaminhamento, as Unidades Escolares, seguiu-se com os direcionamentos para estruturação e organização junto aos funcionários e realizados

convites aos alunos para participarem das oficinas. Essas escolhas/convites, tiveram alguns entraves na escola Municipal Professora Neuza Maria devido à demora em repasses de informações por parte da coordenação pedagógica e direção escolar. Foi necessário realizar adaptações por diversas vezes ao cronograma. Lidar com as burocracias da Unidade escolar foram, sem dúvidas, as partes mais difíceis do projeto. Mas, enfim, após uma conversa com os professores e apresentação do projeto aos discentes foi possível prosseguimento. Os professores fizeram indicação de alunos, outros foram escolhidos de acordo com interesse próprio. Foram selecionados, finalmente, 12 alunos. Esse processo de escuta, conversa e apresentação do projeto a equipe escolar teve uma duração aproximada de dois meses.

Como diz Paulo Freire, chamaremos esse momento de “dialógico”. Os alunos selecionados foram convidados para uma conversa inicial. As famílias foram avisadas sobre o objetivo das oficinas em reunião geral.

Os alunos do CEB/UEFS seguiram o mesmo processo de escolha, apenas seis alunos aceitaram participar das oficinas. O número de participantes por grupo não poderia ultrapassar 15 alunos por unidade Escolar. Os alunos que fizeram parte das oficinas foram descritos, prioritariamente, ser aqueles que se encontravam em alguma situação de inibição ou extroversão que trazem dificuldades na socialização dos sujeitos.

Após organização dos grupos, chegou o momento de participação nas oficinas.

As oficinas foram organizadas após conhecer os grupos de forma que atendessem as necessidades de desenvolvimento social através dos recursos artísticos como sugere o tema: O apropriar-se da arte como uma forma de socialização. Abaixo segue a descrição geral e detalhamento das oficinas que foram desenvolvidas no segundo momento da pesquisa. As oficinas tiveram por objetivo mediar a socialização de 18 alunos da Educação básica usando como ferramenta principal a arte. Nesse sentido, foram desenvolvidas sob três perspectivas:

1. Conhecendo o EU:

- Oficina de apresentação: QUEM SOU EU?
- Corpo e expressão DE SI.

2. EU e o OUTRO:

- Oficina de teatro: O meu eu no outro
- Dança: socialização em movimento

3. EU, o OUTRO e o MUNDO:

- Visita ao museu: socialização interativa
- Oficina de artes plásticas: o mundo que me rodeia

Desse modo, os sujeitos envolvidos, os alunos, puderam ter uma noção bem definida, de autoconhecimento, reconhecimento de si e do outro, bem como possibilidades criativas de colocar-se enquanto sujeitos sociais e culturais que são. A arte, por sua amplitude conceitual e cultural permite ao sujeito ter a noção dos lugares de ocupação que são possíveis de imersão. Obedecendo aos três focos das oficinas ficaram assim desenvolvidas:

1. Conhecendo o EU:

OFICINA 01	
TEMA	Quem sou eu?
DURAÇÃO	2 horas
OBJETIVOS	Despertar nos participantes o conhecimento e interesse dos direitos e deveres da participação cidadã, partindo do conhecimento de si para a socialização.
MATERIAIS	Pote, Balinhas, livro, bola, mascara, cartela de remédios, aparelho de som, papel, caneta, balões coloridos.
AMBIENTAÇÃO	Uma sala com cadeiras e mesa. Sob a mesa, um pequeno pote com balinhas para serem comidos até que todos e todas cheguem ou esteja na hora de começar o encontro. No local do encontro colocar no centro, um livro escolar, uma bola, uma máscara teatral, uma cartela de remédios ou objetos/desenhos equivalentes (educação, Lazer, cultura, saúde). O ambiente estava sob o som de músicas. Os primeiros 15 minutos foram colocadas duas músicas diferentes: a primeira lenta e uma segunda agitada.

ACOLHIDA	Os participantes foram acolhidos com cada um com um abraço. A apresentação do grupo aconteceu com a seguinte dinâmica: Quem sou eu?
ATIVIDADE INICIAL	Apresentação grupal
MATERIAIS NECESSÁRIOS	Cadeiras em roda
INSTRUÇÕES	<p>✓ Reunidos todos os jovens em uma grande roda (opção pé ou sentados nas cadeiras).</p> <p>✓ Foram convidados cada jovem para falar o nome em voz alta. Orientados que todos deveriam ficar muito atentos aos nomes uns dos outros.</p> <p>✓ Após, conferência se todos sabiam qual é o lado direito e qual é o esquerdo. Então, foi relatado que seria realizada uma dinâmica para que todos aprendessem os nomes uns dos outros.</p> <p>✓ Um pequeno treino, antes de começar a dinâmica, para que eles entendessem como deve acontecer. Pausadamente cada orientação foi relatada para facilitar a compreensão dos participantes. O mediador-pesquisador começou coordenando a atividade, dando alguns comandos para que os participantes realizassem o que foi orientado. O mediador-pesquisador apenas deu os comandos, mas não fez as ações que as comandadas. Abaixo segue os comandos utilizados pelo mediador-pesquisador:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quando falar ZIP: todos devem falar o nome do jovem que está imediatamente à direita deles na roda; 2. Quando falar ZAP: todos devem falar o nome do jovem que está imediatamente à esquerda deles na roda;

	<p>3. Quando falar ZOP: todos devem falar o próprio nome;</p> <p>4. Quando falar ZIP, ZAP, ZOP: todos devem levantar e trocar seus lugares. O último a se sentar, seria o novo coordenador da atividade, dando os comandos para todos;</p> <p>✓ A dinâmica pode seguir por algum tempo.</p> <p>✓ Ao final da dinâmica os alunos foram conduzidos a mesa para que pudessem escolher uma bexiga.</p>
<p>OLHANDO PARA A REALIDADE</p>	<p>✓ Foi Explicado que os participantes iriam brincar de ideias que explodem. Cada pessoa deveria pegar uma bexiga, e enchê-lo no ritmo da música e, ao sinal, o estourarem. As bexigas tinham frases inacabadas, poesias, músicas, etc.</p> <p>✓ Sugestão de frases: O prédio da escola tem..... A minha cidade não tem..... Os meus professores e professoras..... Para ir ao posto de saúde ando..... A minha escola precisa de..... A praça da cidade é..... Os adolescentes da minha cidade são..... (Ou outras semelhantes);</p> <p>✓ Ao encherem os balões, pediu-se que amarrassem e jogassem para outros e outras sem deixar que nenhum caísse;</p> <p>✓ Ao estourarem os balões, deveriam pegar os papeizinhos que estavam dentro dos balões com as frases completando a frase dizendo como é onde moram; e quando com música ou poesia recitando ou contando.</p>

<p>INCENTIVANDO</p> <p>ORALIDADE</p> <p>DISCURSIVA</p>	<p>A <i>Debatendo sobre o tema:</i></p> <p><i>Suplemento do Documento Base da 8ª Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente: Participação de Crianças e Adolescente em Espaços de Construção da Cidadania.</i></p> <p>A Constituição Brasileira e o Estatuto da Criança e do Adolescente garantem ao cidadão criança e adolescente a possibilidade de participar diretamente das decisões importantes de sua comunidade, cidade, estado e país.</p> <p>O art. 16, do ECA diz que toda criança e adolescente tem entre outros, o direito de conviver com a família, participar da vida da comunidade, brincar e praticar esportes, além do direito a se expressar e opinar. Portanto, é direito de todos os adolescentes, enquanto cidadãs e cidadãos, participar da definição dos modelos de atendimento aos seus direitos expressos nas políticas públicas de educação, saúde, esporte, entre outras. É dever do Estado, da família, da sociedade em geral abrir espaços para a escuta, a expressão, o aprendizado. Só assim eles podem desenvolver-se, agregar valores e compreender a realidade que os cerca para uma atuação em prol da melhoria da sua qualidade de vida, bem como de uma coletividade.</p> <p>A realidade brasileira aponta que a participação política de crianças e adolescentes tem marcado momentos significativos do país, a exemplo do impeachment e a conquista das liberdades democráticas. No entanto, para que essa participação seja incorporada como exercício de cidadania, com ocupação efetiva de espaços políticos, culturais, esportivos e sociais, é necessário que crianças e</p>
---	--

adolescentes sejam estimulados e apoiados. A experiência de algumas organizações governamentais e não governamentais que promoveram esse processo, vem contribuindo para a construção de um cenário nacional onde crianças e adolescentes vivenciam plenamente o seu potencial criativo e ousado no processo de desenvolvimento de um país mais justo e solidário.

Dessa forma, é importante que as Conferências de Crianças e Adolescentes sejam espaços onde os adolescentes possam se encontrar, partilhar suas expectativas, expressar e organizar suas lutas e necessidades pela conquista dos seus direitos construídos com seus pares, em conjunto com os outros grupos sociais e governo. Nesse contexto, é importante que a participação das crianças e adolescentes ocorra desde o processo das conferências municipais, para tanto os Conselhos de Direitos devem criar mecanismos que assegurem a participação dos adolescentes na preparação e realização das Conferências Municipais e Estaduais.

Para além das Conferências, os Conselhos de Direitos, mais do que qualquer outra instância, devem criar mecanismos concretos e permanentes de escuta e participação de crianças e adolescentes nos próprios Conselhos de Direitos como, por exemplo, comitês consultivos, plenárias e audiências públicas sistemáticas, possibilitando a participação efetiva dos mesmos no processo de formulação de políticas públicas. Como consequência, uma Política Nacional de Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes só será efetiva se for capaz de escutá-los, envolvê-los e responder aos seus desejos, sonhos e aspirações.

<p>PERGUNTAS QUE ORIENTARAM O DEBATE: Quem sou eu?</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quem sou EU (Na família, escola, na rua, com os amigos?) ✓ O que entendemos por participação? ✓ Como participam dos mais diferentes espaços: família, escola, serviço de saúde, instituições religiosas etc.? ✓ Como os jovens podem participar politicamente da defesa dos direitos? ✓ Quais são os espaços mais comuns de participação dos jovens? ✓ Essa participação pode acontecer de forma mais efetiva? Se sim, como? ✓ Existem ações importantes lideradas por jovens? Quais? ✓ Entre os movimentos que vocês conhecem, quais são liderados jovens?
<p>ASSUMINDO O COMPROMISSO COM A VIDA</p>	<p>Nesse momento os participantes da oficina gravaram um pequeno vídeo falando da importância do engajamento nas ações de transformação coletiva</p>
<p>PREPARANDO PARA O PRÓXIMO ENCONTRO</p>	<p>Verificado a necessidade de pessoas e objetos para a realização da próxima oficina.</p>
<p>AVALIAÇÃO</p>	<p>Em círculo e de mãos dadas avaliamos a oficina. Pontos a serem melhorados e o que achou de mais interessante.</p>
<p>CELEBRANDO A VIDA</p>	<p>Ainda de mão dadas e em círculo os participantes foram convidados a dançarem a ciranda.</p> <p style="text-align: center;"><i>“Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todos nós. A melodia principal quem guia é a primeira</i></p>

	<i>Voz, é a primeira voz...” (ou outra conhecida do grupo). Finalizar a ciranda com um grande abraço entre todos.</i>
OFICINA 02	
TEMA	Corpo e expressão de SI.
DURAÇÃO	2 horas
OBJETIVOS	Analisar e conhecer os limites do corpo, bem como perceber a importância das expressões corpóreas nas diversas formas de relações (socialização).
MATERIAIS	Pote, Biscoitos, livro, bola, mascara, aparelho de som, papel, caneta.
AMBIENTAÇÃO	Uma sala com tapete, uma mesa, cadeiras. Sob a mesa, um pequeno pote com biscoitos para serem comidos até que todos chegassem ou que estivesse na hora de começar o encontro. No local do encontro ao centro, um livro escolar, uma bola, uma máscara teatral, ou objetos/desenhos equivalentes (educação, Lazer, cultura, saúde). O ambiente estava sob o som de músicas. Os primeiros 10 minutos foram colocadas duas músicas diferentes: a primeira lenta e uma segunda agitada.
ACOLHIDA	Os participantes foram acolhidos com cada um com um abraço. A apresentação do grupo aconteceu com a seguinte dinâmica: Casa do Zé
ATIVIDADE INICIAL	Casa do zé
MATERIAIS NECESSÁRIOS	Som e música
INSTRUÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O grupo foi organizado em uma grande roda; ✓ Sob o som de uma música animada a roda foi girada em sentido horário e anti-horário;

	<p>✓ Inicia-se a oficina com o verso: “Quando entrar na casa do Zé”. O grupo foi orientado a completar o verso com alguma sugestão de movimentos corporais. Ex. “Quando entra na casa do zé todos devem bater o pé!” Não poderá repetir as recomendações de entrada na casa do zé. Os versos deviam ser completados de acordo com a criatividade dos participantes. Sugestões: Todos devem... bater os pés, sorrir, pular, abraçar, pegar na mão, dar dois pulinhos, etc.</p>
<p>OLHANDO PARA A REALIDADE</p>	<p>“Meu corpo tem um jardim em volta”.</p> <p>Esta atividade deu subsídios para os alunos compreenderem que a dança e todas as suas modalidades partem das possibilidades do corpo de cada um e que este corpo não se limita em si mesmo. Ele alcança o espaço em volta, o explora, o envolve, o atravessa, o percorre, o tateia. O fator de movimento espaço auxilia a pessoa na comunicação com o mundo, com as outras pessoas.</p> <p>O espaço trata de relacionamento, de contato com a vida, a sociedade, com a cultura. Uma criança restrita a uso espacial, em geral é mais rígida, tímida e contida. Vamos trabalhar com a noção de Rudolf Laban sobre cinesfera – a esfera de movimento que é extensão de nosso corpo, um espaço vital que faz parte de nós e que não acaba na pele, ou ainda, um espaço em volta do nosso corpo com o qual nos movemos. Por isso a ideia do “jardim”, como uma casa que tem um jardim e que não pode existir sem ele.</p>

	<p>A orientação principal foi que o nosso jardim seria bem florido, com muito espaço em volta para ser “plantado” e “crescer”.</p> <p>✓ Começamos pedindo para os participantes escolhessem um lugar na sala. A partir de um ponto, que não precisava ser extremamente rígido; o participante não deveria se deslocar, contudo deveria tentar “plantar” sementes e flores desde bem perto do seu corpo (quase encostado no tronco, nos membros, na barriga) até o mais longe que pudessem alcançar (lembrando, não houve deslocamento).</p> <p>✓ Aos poucos, primeiro bem perto do corpo, incentivando os movimentos com uma mão, as duas, com a ponta dos dedos. Propomos outras partes do corpo como pés, por exemplo. Uma parte do corpo sempre deveria estar mais ou menos localizada no lugar que foi escolhido no início da atividade, isto é, também poderiam ir sugerindo a mudança de partes que ficaram no local. Por exemplo, um pé fica, depois o quadril (os participantes sentados no chão), um cotovelo, uma mão. Ao Começar desenvolver maior distância em relação ao corpo deveriam variar partes do corpo. Explorando sempre níveis e direções espaciais: alto, médio e baixo, frente, traz, diagonais.</p> <p>✓ Nesse momento, foi proposto uma improvisação com o corpo traçando caminhos retos e sinuosos, sempre sem se deslocar. Ainda estávamos despertando a capacidade do participante de perceber seu corpo expandido, a partir de uma localização. Esta era, então, uma dança de expansão, um corpo que na verdade também é o jardim. Procurando sempre que o participante alcançasse o mais longe possível, sem</p>
--	--

	<p>deslocamento. Houve também, Incentivos a saltos para diferentes alturas e direções.</p> <p>✓ Foi possível propor a imagem de um “sapo” saltando no jardim ou um coelho, ou canguru, para todos os participantes. O grande incentivo estava na entonação da voz, como gesticulava ou se expressavam fisicamente. Nesse momento a cinesfera se deslocou, o jardim se expandiu mais ainda e foi “plantar” em todo os espaços da sala. Retornamos tudo que já havia sido feito, mas, mas em deslocamento.</p> <p>✓ Há muitos tipos de deslocamento: ao nível do chão, andando, pulando, girando, rolando. Como se “enfiar” na terra? Como uma minhoca? Dizendo: “como se estivessem entrando na terra”, ou “escavando”, ou ações (movimentos-palavra que sugeriram experimentação de dança semelhante). 35 O “jardim” precisa de água e uma dança flexível, leve e suave pode “ser” um riacho atravessando o jardim, ou uma “forte tempestade” desaba sobre o jardim.</p> <p>✓ Atenção, neste momento da atividade ou de seu desdobramento o tamanho do jardim pode ser desdobrado. Ora ele era bem perto do corpo, um pouco mais distante, bem longe e assim por diante. Nos momentos de análise, e mesmo durante as propostas, conversamos sobre os significados das sensações de água, de jardim. Deixamos claro que ninguém é “jardim”. Trata-se de uma ideia de jardim, de sensação de jardim (cores, formatos de flores), e tanto ideia quanto sensação são corpóreas.</p> <p>✓ Como ideia de outras atividades a partir desta, refletimos:</p>
--	--

	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como seriam meu corpo e minha dança sem jardim; 2. Como seriam meu corpo e minha dança em um jardim seco; 3. Como seriam meu corpo e minha dança dentro de um apartamento; 4. Como seriam meu corpo e minha dança rodeados apenas de linhas retas. Utilize-se de músicas – as mais variadas – bem como de sons e instrumentos. Instrumentos de percussão são ótimos.
<p>INCENTIVANDO</p> <p>ORALIDADE</p> <p>DISCURSIVA</p>	<p>A <i>Debatendo sobre o tema:</i></p> <p>Corpo também é expressão?</p> <p style="text-align: center;">Uma dança feita de gente</p> <p style="text-align: right;">Lenira Rengel</p> <p>Todas as relações que fazemos com o mundo que nos rodeia, sejam elas espaciais, emocionais, intelectuais, são feitas a partir do nosso próprio corpo. Como exemplo de relação espacial, ao dizermos: “à direita da entrada da escola”, é porque temos um corpo com uma divisão dada pela coluna vertebral e dois braços que pendem lateralmente ao longo dele. Este desenho do nosso corpo nos fez criar as convenções de direita e esquerda. Então, é assim que nós nos referenciamos com o meio ambiente, com a vida, com as pessoas, a partir do corpo. Ao pensarmos em frente-traz, é porque nosso corpo tem uma “parte” da frente e outra “parte” atrás. Agora, um exemplo de relação emocional: a ideia de afeto ou calor humano que sentimos pelas pessoas queridas é porque fomos aconchegados, fomos pegos no colo (ou não) e sentimos o calor de um corpo nos envolvendo. Um</p>

exemplo de relação intelectual com o mundo, cuja referência também é a experiência corpórea, são nossos julgamentos morais. Por exemplo, ao dizermos: “Esta pessoa é limpa”, queremos dizer que ela é íntegra, moralmente correta. Esta ideia de limpeza vem da experiência de o corpo estar literalmente limpo. O que quero dizer com esta breve explanação que o corpo é um lugar, é alguém que não é um mero instrumento de execução de tarefas, sejam elas físicas, emocionais ou intelectuais. O corpo (a pessoa ou o ser humano, nosso aluno, nós, professores) é um ser simbólico. Por isso, a Arte da Dança, que tem em suas múltiplas possibilidades o corpo como representação de ideias, desenhos espaciais, sons, sentimentos, sensações e percepções, é uma área de conhecimento com suas simbolizações próprias. A dança como atividade educacional complementar da escola, no projeto Escola de Tempo Integral, vai possibilitar ao aluno, criança, adolescente ou jovem, o contato com seu próprio corpo, por meio da criação de arte e não apenas como uma expressão corporal, a qual sem dúvida é necessária, porém a sensação fenomenológica do fazer, do sentir não são as únicas formas de conhecimento e desenvolvimento da apreciação artística do aluno. A arte, inclusa a dança, não é mero entretenimento ou passatempo ou fazer o aluno “sentir-se relaxado”. Portanto, este projeto, com suas propostas e atividades metodológicas, visa a três eixos que se interconectam: o fazer artístico, o conhecimento histórico e contextual e a apreciação e análise estéticas. A técnica tradicional de ensino da dança se ocupa do domínio de exercícios físicos isolados, e dança é relação, é

	<p>linguagem que se comunica, isto é, não se isola da reflexão e consciência crítica e ética que se faz necessária na educação de Artes. Deste modo, o professor/educador de Dança deve, obviamente, dançar com seus alunos e evitar conduzi-los para somente um limitado aspecto, dos inúmeros que a dança possui. A dança parte de um corpo e, a partir do conhecimento dos usos deste próprio corpo, o professor poderá desenvolver as capacidades sensório-motoras, emocionais e intelectuais do aluno no processo educativo de Arte.</p>
<p>PERGUNTAS QUE ORIENTARAM O DEBATE: Corpo e expressão de si</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O que entendemos por corpo? ✓ Existe um “Eu” sem corpo? ✓ Conheço os limites do meu corpo? ✓ Meu corpo expressa o que sinto? ✓ Quais são os espaços de participação do corpo? ✓ Essa participação pode acontecer de forma mais efetiva? Se sim, como? ✓ Entre os movimentos que vocês realizaram, quais sensações mais lhe modificou ou te fez refletir com mais simpatia ou empatia?
<p>ASSUMINDO O COMPROMISSO COM A VIDA</p>	<p>Nesse momento os participantes criaram uma poesia para expressar os sentimentos e sensações provocados por esta atividade.</p>
<p>PREPARANDO PARA O PRÓXIMO ENCONTRO</p>	<p>Verificamos a necessidade de pessoas e objetos para a realização da próxima oficina de competências para a vida.</p>

AVALIAÇÃO	Em círculo e de mãos dadas os adolescentes foram motivados a avaliar a oficina: pontos a serem melhorados e o que achou de mais interessante.
CELEBRANDO A VIDA	<p>Ainda de mão dadas e em círculo convidamos todos, a dançarem a ciranda.</p> <p><i>“Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todos nós. A melodia principal quem guia é a primeira</i></p> <p><i>Voz, é a primeira voz...” (ou outra conhecida do grupo).</i></p> <p>Finalizar a ciranda com um grande abraço entre todos.</p> <p><i>Voz, é a primeira voz...” (ou outra conhecida do grupo).</i></p> <p>Finalizar a ciranda com um grande abraço entre todos.</p>

2. EU e o OUTRO:

OFICINA 03	
TEMA	Teatro: O meu eu no outro
DURAÇÃO	2 horas
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer-se enquanto ator e responsável pelas próprias escolhas; ✓ Reconhecer-se enquanto sujeito social; ✓ Perceber diversas as formas de socialização; ✓ Analisar posicionamentos individual e grupal.

MATERIAIS	Pote, Biscoitos, livro, bola, mascara, aparelho de som, papel, caneta, data show.
AMBIENTAÇÃO	Sala organizada com mesas e cadeiras: cadeiras e mesas em círculos. Uma mesa com um pequeno pote com biscoitos para serem comidos até que todos e todas chegassem ou estivessem na hora de começar o encontro. No local do encontro colocar no centro, um livro escolar, uma bola, uma máscara teatral, ou objetos/desenhos equivalentes (educação, Lazer, cultura, saúde). O ambiente estava sob o som de músicas. Os primeiros 10 minutos foram colocadas músicas diferentes (deixamos que a turma escolhesse o ritmo).
ACOLHIDA	Os participantes foram acolhidos com cada um com um abraço. A apresentação do grupo aconteceu com a seguinte dinâmica: Ouvindo o ambiente ao redor
ATIVIDADE INICIAL	Ouvindo o ambiente ao redor
INSTRUÇÕES	O orientador-pesquisador pediu para que os alunos se deitassem no chão e fechassem os olhos e os convidaram a ouvir os sons do ambiente, prestando atenção primeiramente nos sons que estavam acontecendo mais perto, depois os que estão vindo de mais longe. Além dessas sensações, com os olhos fechados, tentarem perceber que os sons que estavam ouvindo. O grupo foi orientado após um momento a abrirem os olhos e conversaram sobre a experiência e os sons que foram identificados pelos participantes.
OLHANDO PARA A REALIDADE	Improvisação de roteiro

	<p>Elaboração de um pequeno roteiro: O orientador-pesquisador explicou como organizar um pequeno roteiro para que fossem ensaiados e apresentados nesse encontro. A cena apresentada foi uma saída ao cinema ou ao mercado desacompanhados de adultos.</p>
<p>INCENTIVANDO A ORALIDADE DISCURSIVA</p>	<p>Debatendo sobre o tema:</p> <p>Os Jogos de Improvisação Teatral: Procedimento Privilegiado de Aprendizagem Flávio Desgranges</p> <p>As revoluções da cena moderna e o ensino do teatro Os encenadores modernos operam, na virada do século XIX para o XX, uma revisão acerca da própria função do teatro na sociedade, passando especialmente pelo questionamento e a investigação das possibilidades de comunicação entre palco e platéia. E inauguram a preocupação sobre uma questão que passa a ser fundamental e norteadora para o desenvolvimento da cena, e que movimenta os artistas até os dias de hoje: qual o papel do espectador no evento teatral? É na tentativa de formular respostas para esta questão que se sustentam as transformações na cena moderna, pois os encenadores mostravam-se dispostos a movimentar esta relação, a “sacudir” os espectadores em suas poltronas. As respostas formuladas pelos artistas desde então são as mais variadas, com o intuito de propor uma relação ativa, efetiva da cena com o público teatral.</p>
<p>PERGUNTAS QUE ORIENTARAM O DEBATE: O meu eu no outro</p>	<p>O debate partiu de questões elaboradas a partir dos trabalhos.</p> <p>Sugestões:</p>

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Vivemos sozinhos? ✓ Como é relacionar-se com o outro? ✓ O outro é necessário em nossas relações? ✓ O que fazer para lidar com as situações inesperados do outro?
ASSUMINDO O COMPROMISSO COM A VIDA	Relato verbal sobre a experiência
PREPARANDO PARA O PRÓXIMO ENCONTRO	Verificamos as necessidades para a realização da próxima oficina. Viagem previamente organizada e agendada ao Museu Castro Alves. (Ouvimos sugestões dos participantes).
AVALIAÇÃO	Em círculo e de mãos dadas os adolescentes foram motivados a avaliar a oficina: pontos a serem melhorados e o que achou de mais interessante.
CELEBRANDO A VIDA	<p>Ainda de mão dadas e em círculo convidamos todos, a dançarem a ciranda.</p> <p><i>“Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todos nós. A melodia principal quem guia é a primeira</i></p> <p><i>Voz, é a primeira voz...” (ou outra conhecida do grupo).</i></p> <p>Finalizar a ciranda com um grande abraço entre todos.</p> <p><i>Voz, é a primeira voz...” (ou outra conhecida do grupo).</i></p> <p>Finalizar a ciranda com um grande abraço entre todos.</p>

OFICINA 04	
TEMA	Dança: socialização em movimento
DURAÇÃO	2 horas
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reconhecer-se enquanto sujeito social; ✓ Perceber diversas as formas de socialização; ✓ Analisar posicionamentos individual e grupal.
MATERIAIS	Pote, Biscoitos, livro, bola, mascara, aparelho de som, papel, caneta.
AMBIENTAÇÃO	Sala organizado com mesas e cadeiras: cadeiras e mesas em círculos. Uma mesa com um pequeno pote com biscoitos para serem comidos até que todos e todas cheguem ou esteja na hora de começar o encontro. No local do encontro sempre foi colocado ao centro, um livro escolar, uma bola, uma máscara teatral, ou objetos/desenhos equivalentes (educação, Lazer, cultura, saúde). O ambiente estava sob o som de músicas. Os primeiros 10 minutos foram colocadas músicas diferentes (Deixar que a turma escolha o ritmo, como no encontro anterior).
ACOLHIDA	Os participantes foram acolhidos com cada um com um abraço. A acolhida do grupo aconteceu com a seguinte dinâmica:
ATIVIDADE INICIAL	Dinâmica de relaxamento
MATERIAIS NECESSÁRIOS	Tapetes, bíblia, flores, som e música instrumental
INSTRUÇÕES	<p>A técnica de Bernard Rangé</p> <p>Mestre em psicologia e professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro</p>

(UFRJ) tem como objetivo o relaxamento rápido e profundo. Para fazê-la, retire todos os adereços de seu pescoço e sente-se ou deite-se em uma posição agradável, usando roupas folgadas. Feche os olhos e comece a relaxar. Concentre-se em sua respiração. Encha completamente o pulmão de ar, depois expire esvaziando o pulmão. Inspire profundamente de novo e expire lentamente. Repita o processo dez vezes.

Em seguida, enquanto você respira regular e calmamente, pense nos músculos em torno de seus olhos, nos músculos em torno do seu queixo, e procure relaxar profundamente, cada vez mais. Você irá notar que, relaxando profundamente, os músculos do seu queixo se soltam e sua boca ficará entreaberta, o que é um bom sinal. Continue respirando regular e calmamente e observe como seus músculos continuam a relaxar cada vez mais. À medida que você respira regular e ritmicamente, o relaxamento continua, e os músculos dos ombros e dos braços relaxam cada vez mais. Deixe agora a sensação de relaxamento se espalhar por suas mãos até as pontas dos dedos. À medida que você relaxa mais e mais, respirando regular e calmamente, você começa a sentir os braços pesados, o corpo inteiro pesado... e, sentirá uma sensação de peso, uma sensação agradável de peso.

Procure então sentir os músculos do seu tórax, do abdômen, dos quadris e relaxe-os cada vez com mais profundidade, à medida que respira calma, regular e ritmicamente. A essa altura, você estará se sentindo muito relaxado e confortável, cada vez mais relaxado e confortável. Agora deixe essa sensação agradável de relaxamento se espalhar por suas coxas,

	<p>por suas pernas, até a ponta dos dedos de seus pés. Você agora está bastante relaxado, sentindo-se bem, com o corpo pesado, cada vez mais relaxado e confortável, cada vez mais à vontade.</p> <p>Deixe que essa sensação de relaxamento se espalhe por todo o seu corpo, enquanto você respira regular e calmamente, sentindo uma paz interior muito grande, uma sensação de tranquilidade. Você então estará muito calmo e relaxado enquanto respira regular e profundamente. Aproveite a oportunidade para desfrutar dessa sensação de calma e paz interior, sentindo-se maravilhosamente bem, enquanto respira regular e ritmicamente, enquanto se sente relaxado e repousado. Ao término desse exercício você terá descoberto que pode relaxar sozinho e verá que a cada repetição desse exercício irá atingir um nível mais profundo de relaxamento.</p>
<p>OLHANDO PARA REALIDADE</p>	<p>A Danças tribais: uma estratégia de socialização</p> <p>Exibição de pequenos vídeos com danças de outras culturas.</p>
<p>INCENTIVANDO ORALIDADE DISCURSIVA</p>	<p>A Debatendo sobre o tema:</p> <p style="text-align: center;">A dança: sentidos e significados</p> <p style="text-align: right;">Silvana dos Santos Silva</p> <p>A Dança é uma manifestação artística que se perpetua por milênios adequando-se às mudanças sociais sendo praticada por diferentes povos.</p> <p>Durante o seu percurso contribuiu para estabelecer padrões estéticos e de comportamento das diferentes classes sociais, reforçando a diferenciação das classes dominantes e das classes dominadas e foi canal de superação dos limites do ser humano. Como fenômeno social demonstrou potencial no processo de</p>

renovação, transformação e significação do ser humano e da sociedade.

Segundo BARRETO (2004), a dança tem diversos sentidos e significados podendo ser praticada como forma de expressão artística, expressão humana, expressão de sentimentos e expressão da sociedade, como forma de aquisição de conhecimentos, de práticas de lazer, de prazer, como libertação da imaginação, desenvolvimento da criatividade, de desenvolvimento da comunicação e como veículo de socialização.

HAAS & GARCIA (2003) atribuem funções à dança: função de auto expressão do ser humano, pois, através dela ele descobre e compreende aspectos significativos de sua vida; a função da comunicação do homem em nível individual, interpessoal, em seu ambiente, em sua sociedade e a nível religioso; a função de ruptura do sistema e de revitalização da sociedade pelo motivo que, como as demais artes, está ligada à renovação da cultura, pela sua eterna busca das novas expressões contribuindo para a revitalização da sociedade.

Esta Arte milenar em suas várias modalidades expressou a posição e a função do homem e da mulher dentro da sociedade em diferentes épocas e contextos. Desde as antigas civilizações onde a mulher era restrita à execução das danças religiosas, passando pelas danças da corte, no período do renascimento, que era por muitas vezes proibida de dançar ou seus movimentos restringiam ao decoro da época, até à dança moderna que foi impulsionada pela ruptura dos padrões sociais e estéticos do início do século XX por uma mulher, Isadora Duncan, podendo

	<p>representar o início de sua emancipação. No entanto, ainda hoje, em alguns momentos e de forma velada, transparece o domínio da figura masculina, onde a mulher deve se deixar conduzir pelo homem remetendo à sociedade patriarcal. <i>“A condução reflete uma construção social, traços de uma herança cultural com bases patriarcais e sexistas. O homem deve dirigir, a mulher o acompanha: ao pai, aos irmãos e depois ao marido”</i>. (PACHECO, 1998-1999, p.11)</p> <p>A dança certamente contribuiu para a constituição, perpetuação e disseminação da cultura de todos os povos que dançaram e que ainda dançam permitindo conhecermos a diversidade cultural que se espalha pelo mundo em todas as épocas e contextos históricos acompanhando a evolução da humanidade.</p>
<p>PERGUNTAS QUE ORIENTARAM O DEBATE: Dança: socialização em movimento</p>	<p>O debate partiu de questões elaboradas a partir dos trabalhos.</p> <p>Sugestões:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Tem algo deles em mim? ✓ Como é relacionar-se com o outro? ✓ O outro é necessário em nossas relações? <p>O que fazer para lidar com as situações inesperados do outro?</p>
<p>ASSUMINDO O COMPROMISSO COM A VIDA</p>	<p>Relato verbal sobre a experiência</p>
<p>PREPARANDO PARA O PRÓXIMO ENCONTRO</p>	<p>Verificamos as necessidades para a realização da próxima oficina.</p>

AVALIAÇÃO	Em círculo e de mãos dadas os adolescentes foram motivados a avaliar a oficina: pontos a serem melhorados e o que achou de mais interessante.
CELEBRANDO A VIDA	<p>Ainda de mão dadas e em círculo convidamos todos, a dançarem a ciranda.</p> <p><i>“Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todos nós. A melodia principal quem guia é a primeira</i></p> <p><i>Voz, é a primeira voz...” (ou outra conhecida do grupo).</i></p> <p>Finalizar a ciranda com um grande abraço entre todos.</p> <p><i>Voz, é a primeira voz...” (ou outra conhecida do grupo).</i></p> <p>Finalizar a ciranda com um grande abraço entre todos.</p>

3. EU, o OUTRO e o MUNDO:

OFICINA 05	
TEMA	Visita ao museu: treinando o diálogo
DURAÇÃO	06 horas
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber diversas formas de socialização; • Analisar posicionamentos individual e grupal.
MATERIAIS	Transporte escolar rumo a Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

AMBIENTAÇÃO	Roteiro: Escola-UEFS (Museu, biblioteca) - Escola.
ACOLHIDA	Os participantes foram acolhidos com cada um com um abraço.
INSTRUÇÕES	✓ Esse dia tivemos apenas momentos de práticas sociais. Ao final, realizamos um relato de experiência oral na biblioteca da Universidade.
OLHANDO PARA A REALIDADE	Apreciação dos espaços visitados
INCENTIVANDO A ORALIDADE DISCURSIVA	Incentivo a realizarem perguntas no museu Casa do Sertão na UEFS.
PERGUNTAS QUE ORIENTARAM O DEBATE: Visita ao museu: treinando o diálogo	Não realizamos debate nesse dia, apenas apreciamos os espaços.
ASSUMINDO O COMPROMISSO COM A VIDA	Foram estimulados a conversarem sobre a importância em conhecer outros espaços sociais além da escola.
PREPARANDO PARA O PRÓXIMO ENCONTRO	Verificamos a necessidade de pessoas e objetos para a realização da próxima oficina de competências para a vida.
AVALIAÇÃO	Em círculo e de mãos dadas os adolescentes foram motivados a avaliar a oficina: pontos a serem melhorados e o que achou de mais interessante utilizamos o espaço a biblioteca para realizarmos esse momento.
CELEBRANDO A VIDA	Abraço coletivo na saída do ônibus da universidade rumo a escola.

--	--

OFICINA 06	
TEMA	Artes plásticas: o mundo que me rodeia
DURAÇÃO	2 horas
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer-se como ser coletivo a partir da individualidade; ✓ Perceber diversas formas de interação social; ✓ Analisar posicionamentos individual e grupal.
MATERIAIS	Pote, Biscoitos, livro, bola, mascara, aparelho de som, papel, caneta, data show, pincel, tela, agua, tintas de cores diversas, cavaletes de sustentação, mesas, cadeiras.
AMBIENTAÇÃO	Uma sala com tapete, uma mesa, cadeiras. Sob a mesa, um pequeno pote com biscoitos para serem comidos até que todos chegassem ou que estivesse na hora de começar o encontro. No local do encontro ao centro, um livro escolar, uma bola, uma máscara teatral, ou objetos/desenhos equivalentes (educação, Lazer, cultura, saúde). Ou ao ar livre, debaixo de arvores.
ACOLHIDA	Os participantes foram acolhidos com cada um com um abraço. A recepção do grupo aconteceu com a seguinte dinâmica:
ATIVIDADE INICIAL	Ouvindo o ambiente ao redor (Relaxamento com fundo musical)
MATERIAIS NECESSÁRIOS	Som e música

INSTRUÇÕES	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O grupo foi organizado em uma grande roda; ✓ Instruções para uso de pincel, tinta e tela. ✓ Explanação sobre a importância dos planos em uma pintura.
OLHANDO PARA A REALIDADE	<p><i>Apresentação da poesia de Cécilia Merelles “retrato”</i></p> <p>A partir da poesia os alunos usaram a criatividade para fazer um autorretrato com o tema: EU E O MUNDO. O autorretrato deveria abordar características subjetivas, foi lembrado que o objetivo estava na harmonização criadora não na fidelidade estética/física.</p> <p>Esta atividade deu subsídios para os participantes compreenderem as múltiplas formas de relacionamentos consigo mesmo.</p>
INCENTIVANDO A ORALIDADE DISCURSIVA	<p><i>Debatendo sobre o tema:</i></p> <p>Quem sou eu? Como me vejo? Como Vejo o mundo?</p> <p>Apresentação das imagens/pinturas pelos participantes.</p>
PERGUNTAS QUE ORIENTARAM O DEBATE: Artes plásticas, o mundo que me rodeia	O debate discorreu a partir de questões elaboradas das apresentações.
ASSUMINDO O COMPROMISSO COM A VIDA	Relato verbal sobre a experiência.
FINALIZANDO O ENCONTRO E OFICINAS	Refletimos se ainda cabia algum questionamento. Muitos relatos de desejos de continuidade e construção de laços afetivos de amizades.

AVALIAÇÃO	Em círculo e de mãos dadas os participantes foram motivados a avaliar as oficinas. Momentos marcantes e o que acharam de mais interessante.
CELEBRANDO A VIDA	<p>Ainda de mão dadas e em círculo convidamos todos, a dançarem a ciranda.</p> <p><i>“Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todos nós. A melodia principal quem guia é a primeira</i></p> <p><i>Voz, é a primeira voz...” (ou outra conhecida do grupo).</i></p> <p>Finalizar a ciranda com um grande abraço entre todos.</p> <p><i>Voz, é a primeira voz...” (ou outra conhecida do grupo).</i></p> <p>Finalizar a ciranda com um grande abraço entre todos.</p>

4.3 Segundo momento: realização das oficinas

Aqui foi o momento de aplicabilidade, de agir conforme todo embasamento teórico-metodológico até o momento equacionado. Tudo que foi discutido, estabelecido foi testado na prática. Lembrado que foram traçados objetivos, levando em consideração que os sujeitos envolvidos são seres humanos portadores de todas as dinamicidade e complexidades que envolvem o processo de construção e ação humana. Aqui foram realizadas: entrevistas com os alunos; realização de seis oficinas em cada grupo envolvendo os temas das artes plásticas e visuais, expressão pela dança, expressão pela música e expressão dramática e teatral, registros minuciosos por parte do observador através de diário de bordo, fotografias e relatos sem que este possa ter comprometido a integridade física e psicológicas dos participantes.

Salienta-se que em todos encontros ocorreram um momento para elaboração de conceitos, aprendizagens como mecanismo de socialização e reestruturação discursiva.

Após realização das oficinas organizou-se a catalogação dos dados necessários a elaboração e estruturação da dissertação.

E por fim:

4.4 Terceiro momento: Avaliar

Avaliar não foi tarefa fácil. Nesse momento foi possível perceber o quanto a prática vai além da teoria. Lembrando que o ato de avaliar foi processual, a todo momento foi preciso avaliação, retroação. No entanto, após aplicação do projeto de investigação-ação, chegou o momento de verificar quais resultados chegaram a pesquisa. O que foi possível realizar? Quais impactos positivos e negativos. Fazendo usos de toda catalogação, registros de dados e observações. Nesse processo ouvimos os participantes, auto avaliação, apresentação dos resultados a equipe escolar para que pudessem também contribuir com críticas. Uma etapa que ficou com um desejo de continuidade, levando em consideração que outros profissionais da escola, mesmo com entraves, poderão realizar trabalhos semelhantes.

CAPITULO V – MARCO ANALÍTICO

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Ambiente escolar

Todas as relações dentro da escola são refletidas diretamente no rendimento do profissional. Para Freschi (2013) ter boas relações com o grupo de trabalho, com a direção, funcionários e com os alunos é fundamental para que o trabalho seja completo e para que o ato de ensinar seja prazeroso. Se alguma dessas relações não estiver equilibrada, faltará motivação e o trabalho ficará prejudicado. O autor ainda fala que para falar de ambiente escolar e quando pensamos na importância das relações interpessoais, não podemos restringir somente para o âmbito da sala de aula. Em qualquer ambiente de trabalho as relações precisam ser positivas para um bom rendimento do profissional. Nas escolas, em decorrência de muitos problemas existentes na educação, muitas vezes, o que encontramos são professores e funcionários desgastados e estressados. Esses fatores podem tornar as relações entre as pessoas superficiais e gerar um afastamento entre os próprios colegas de trabalho. Se as relações na escola, de uma forma geral, não estiverem boas, o professor na sala de aula não fará um bom trabalho, e seu relacionamento com os alunos também poderá ficar comprometido.

Sob o aspecto físico da escola percebe-se que a EMPNMPS possui uma estrutura moderna, ampla ocupa atualmente um espaço físico cedido pelo município, sendo constituído de: 10 salas de aula; 1 Anexo com 2 salas de aula; 1 sala de acessibilidade; 01 Centro Digital de Cidadania; 01 sala adaptada para biblioteca; 01 quadra poliesportiva; 01 cantina; 01 sala de professores; 01 secretaria; 01 sala de direção e demais dependências básicas essenciais.

O Centro de Educação Básica da UEFS (CEB-UEFS) foi idealizado pelo Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, com o objetivo de ser um espaço de aplicação das pesquisas desenvolvidas na universidade e de estágio para os cursos de pedagogia e demais licenciaturas. O ambiente escolar é bem receptivo a pesquisas, estudos e é sempre permeado por uma rotatividade de atividades lúdicas que incentiva a visão de seres sociais do alunado. O espaço físico não possui uma estrutura moderna, mas tem parcerias com os diversos setores da Universidade que possibilita um dinamismo na vida escolar dos alunos e equipe educativa.

O CEB-UEFS foi fundado em 1998 por meio de um convênio firmado entre a UEFS e a Prefeitura Municipal de Feira de Santana funcionava dentro do campus da universidade. Inicialmente, atendia apenas filhos de funcionários e professores da UEFS e funcionava com 03 turmas de Educação Infantil no turno matutino e 04 turmas do Ensino Fundamental I no turno vespertino. Ao longo dos anos, outras séries da Educação Básica foram sendo ofertadas pela escola. Somente em 2002 começou a ofertar vagas para a comunidade circunvizinha. Em 2003 começou a funcionar também num prédio do Centro Social Urbano, fora do campus, ofertando a 5ª série. Atualmente, ainda funciona nesse espaço o Ensino Fundamental II. Devido à grande procura por vagas, no ano letivo de 2008, foi realizado o primeiro sorteio público para matrícula de alunos novos nesta instituição, onde 50% das vagas são destinadas à comunidade interna (filhos de professores e funcionários do CEB e da UEFS) e os outros 50% são destinados à comunidade externa. No ano letivo de 2010, 76% dos estudantes do CEB-UEFS foram oriundos da comunidade externa e 24%, da comunidade interna. O Centro de Educação Básica da UEFS, hoje, funciona em dois prédios distintos. Referimo-nos ao CEB-UEFS para o prédio localizado no campus universitário, onde estudam crianças do Grupo 4 da Educação Infantil até a 4ª série do Ensino Fundamental e CEB-CSU para o prédio localizado no Centro Social Urbano que atende estudantes da 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental II (informações coletadas em conversa com a diretora da Unidade Escolar).

5.2 Caracterização dos grupos

Participaram dos estudos dois grupos de estudantes adolescentes com idades entre 12 a 16 anos. O primeiro grupo foi composto, inicialmente por 12 adolescentes e o segundo por 6, ambos de alunos da Educação Básica, Ensino Fundamental II. Para melhor compreensão chamaremos de Grupo Neuzza referentes aos alunos da Escola Municipal Neuzza Maria Pires da Silva e Grupo CEB referentes aos alunos do Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana.

O grupo Neuzza os alunos tinham baixa autoestima, poucos tinha contato com a parte urbana da cidade. Os alunos escolhidos foram caracterizados pelos professores como indisciplinados, agressivos, displicentes e desinteressados. Preferimos chamá-los de alunos extrovertidos com dificuldades em lidar de forma

criativa com as emoções. Todos apresentavam dificuldades de aprendizagem, os alunos desse grupo apresentavam distorção idade série regularmente matriculados entre os 6º e 7º anos do Ensino fundamental de 9 anos com idades entre 12 a 16 anos de idade. Nenhum dos adolescentes já haviam frequentados museus, cinemas, shopping center, ou até mesmo ido a grandes mercados. Não tinham internet em casa, somente dois acessavam as redes sociais através de LAN house na comunidade. Já o grupo CEB formado por 6 alunos os alunos que optaram por frequentar as oficinas falavam pouco em sala de aula, tinham dificuldades em se relacionar com os outros devido a timidez. Todos estavam no 9º ano do Ensino Fundamental com idades entre 12 e 13 anos. No entanto, tinham bons resultados escolares ao que diz respeito a parte quantitativa. Todos seis alunos já haviam frequentado o teatro, cinema, Shoppings Center, faziam uso de internet, acesso as principais redes sociais e possuíam smartphones.

Os grupos foram classificados homogêneos quando comparados os participantes dentro do próprio grupo, mas heterogêneos quando comparados entre os grupos CEB e NEUZA.

5.3 Análise dos dados coletados

Para análise dos resultados alguns critérios foram elencados:

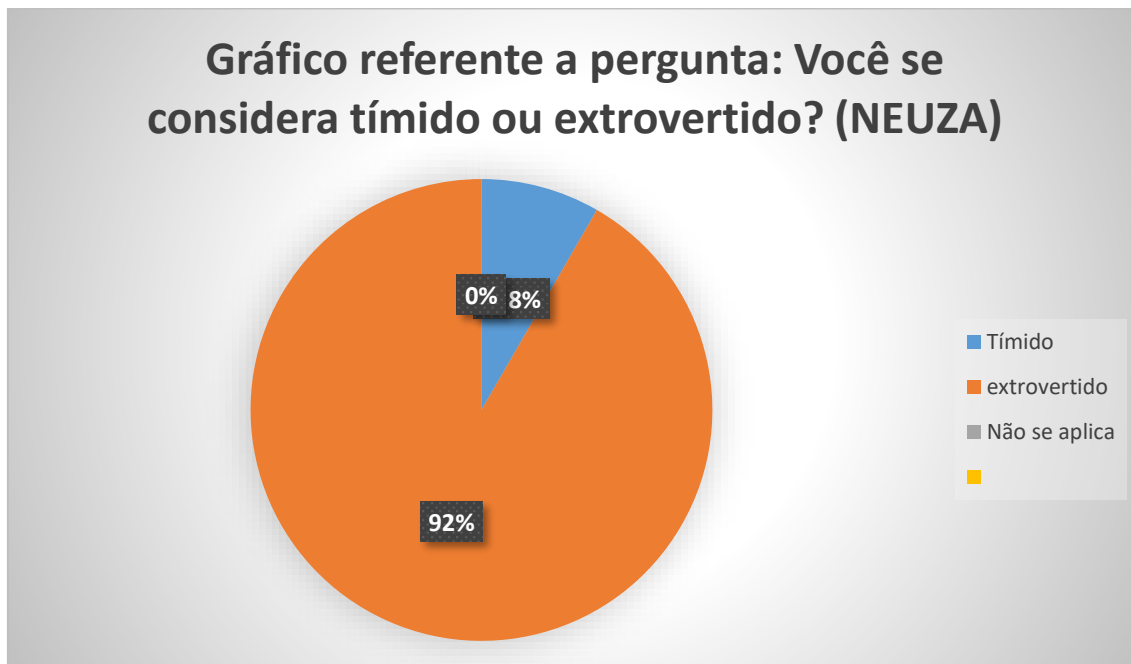
- *Os alunos compreenderam o porquê participaram das oficinas? Se consideram tímidos ou extrovertidos?*
- *Como veem o espaço escolar? Compreendem o que é socialização?*
- *Conversam assuntos importantes com quem?*
- *Como são as relações familiares?*
- *Como são as relações em grupo? Em quais ambientes sentem-se constrangidos?*

5.3.1 Antes das oficinas

Os alunos compreenderam o porquê participaram das oficinas? Se consideram tímidos ou extrovertidos?

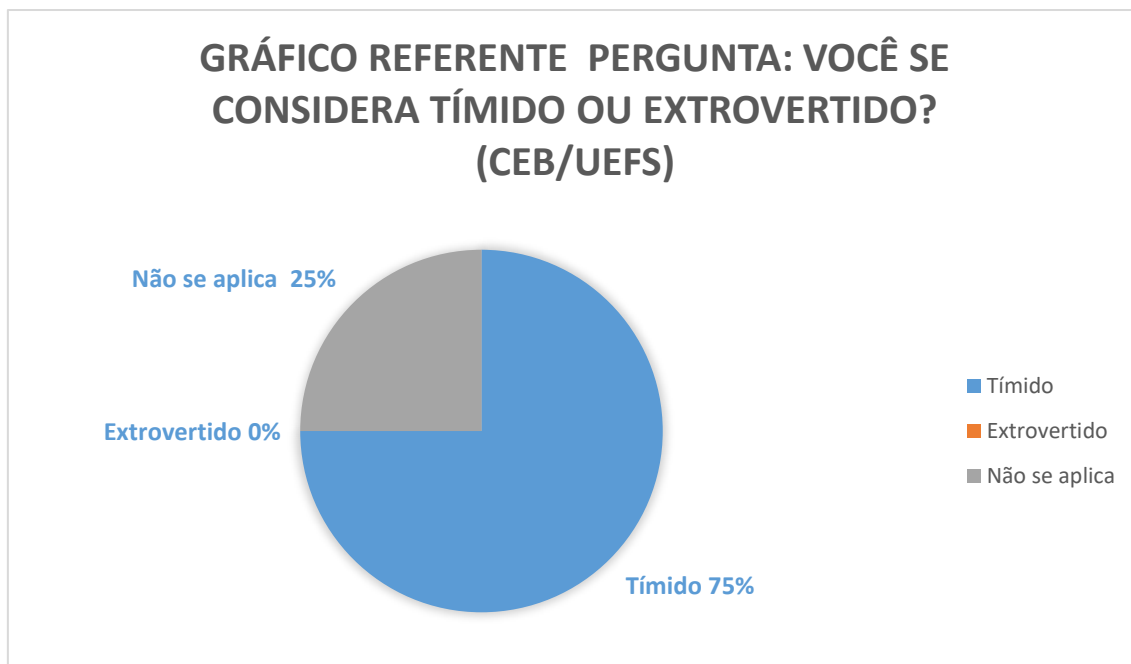
A partir de análise de dados coletados através dos questionários de entrevista inicial (individual e de grupo) respondidos pelos alunos/adolescentes foi possível verificar que os alunos foram participar das oficinas atraídos pelas possibilidades de trabalharem com artes. O Grupo NEUZA estava entusiasmado com a possibilidade de dançar, realizar passeios e passar mais tempo fora de casa. Os alunos do grupo CEB estavam participando por que disseram gostar de fazer cursos. Sobre como se consideram

sobre as possibilidades de introversão e/ou extroversão podemos analisar as respostas nos gráficos a seguir:



Os adolescentes do grupo NEUZA 92% se consideraram extrovertidos. Lembrando aqui que extroversão foi um termo adotado nessa pesquisa de forma metafórica para se referir aos alunos considerados pela equipe escolar como inquietos, indisciplinados e com graus de agressividades indesejados. Oito por cento apenas se consideraram tímidos, pois, apesar de já ter levado suspensão por mau comportamento na escola, e ambientes públicos não se sentem bem ao fazer abordagens até mesmo para pedir informações.

Observem o gráfico abaixo referente as respostas do grupo CEB



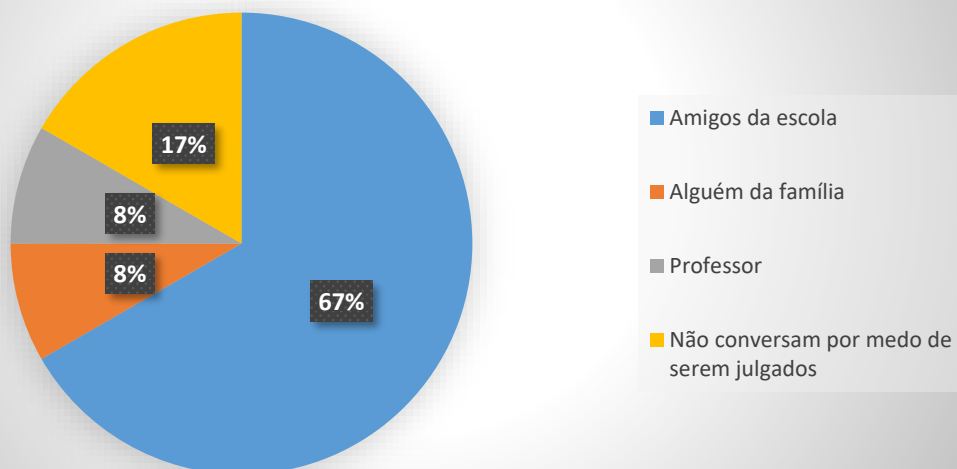
Levando em consideração que os adolescentes deste grupo têm uma vivência social mais ampliada que o grupo NEUZA podemos inferir que 75% se consideram tímidos, 25% acreditam que não se enquadram em nenhuma categoria das explicitadas pois vão sozinhos a cinemas, teatros ou similares. No entanto, nenhum dos participantes se consideraram extrovertidos.

Como veem o espaço escolar? Compreendem o que é socialização?

Ao conversarmos sobre os espaços escolares a grande maioria disseram que gostam do espaço escolar por causa dos amigos. Não conseguiram formar um conceito inicial sobre socialização. Após reflexões o Grupo CEB chegou à conclusão que seria a capacidade de expor suas ideias em público.

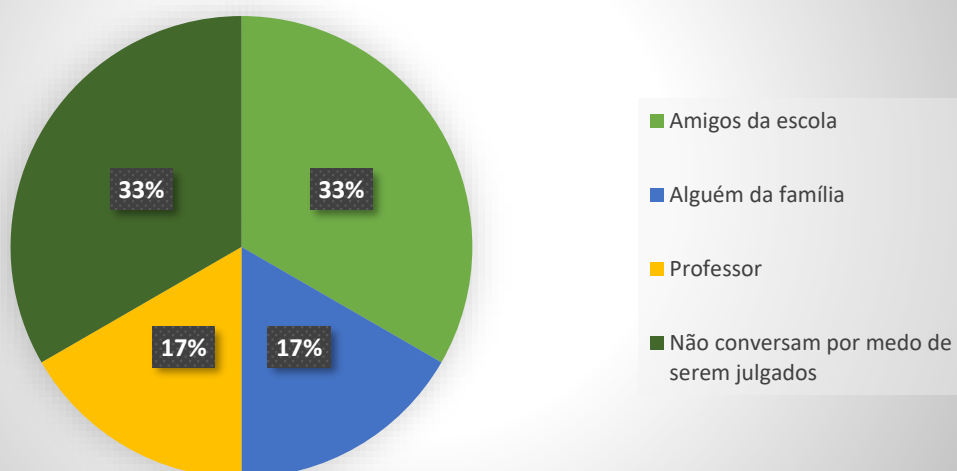
Conversam assuntos importantes com quem?

Costumam conversar assuntos que consideram importantes - NEUZA



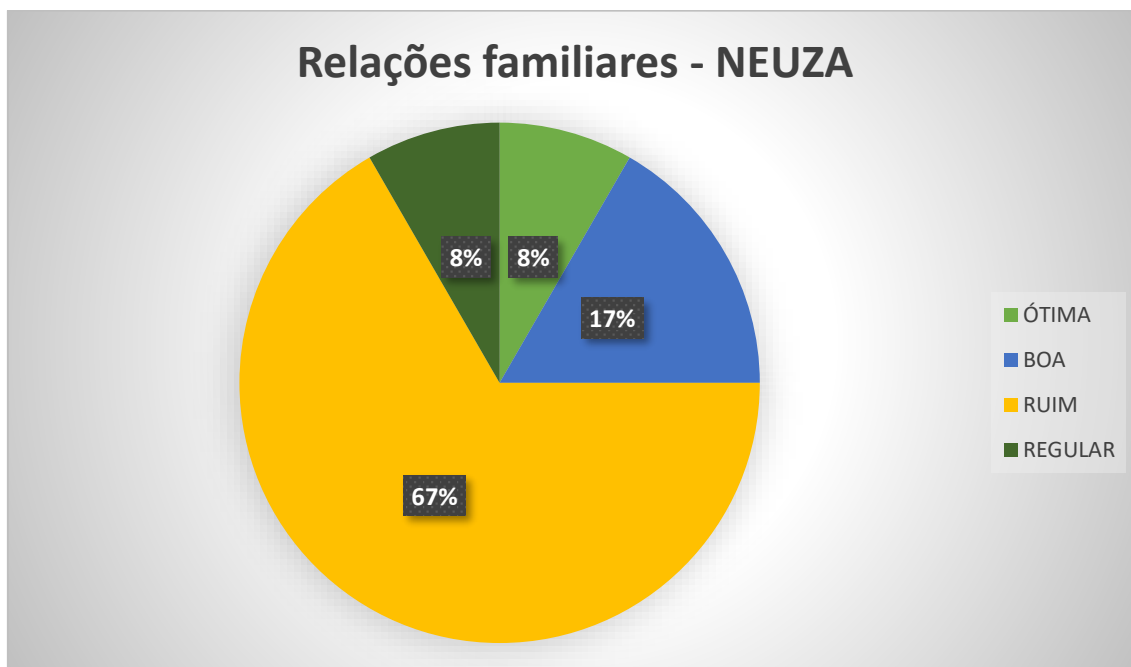
O grupo NEUZA evidenciou pouca confiabilidade nas relações familiares. Costumam conversar assuntos que consideram relevantes com amigos 67% dos participantes. 17% preferem não conversar. Os que não conversam com ninguém foram os que apresentaram maior grau de agressividade ou receio em lidar com o outro durante as oficinas.

Costumam conversar assuntos que consideram importantes - CEB-UEFS

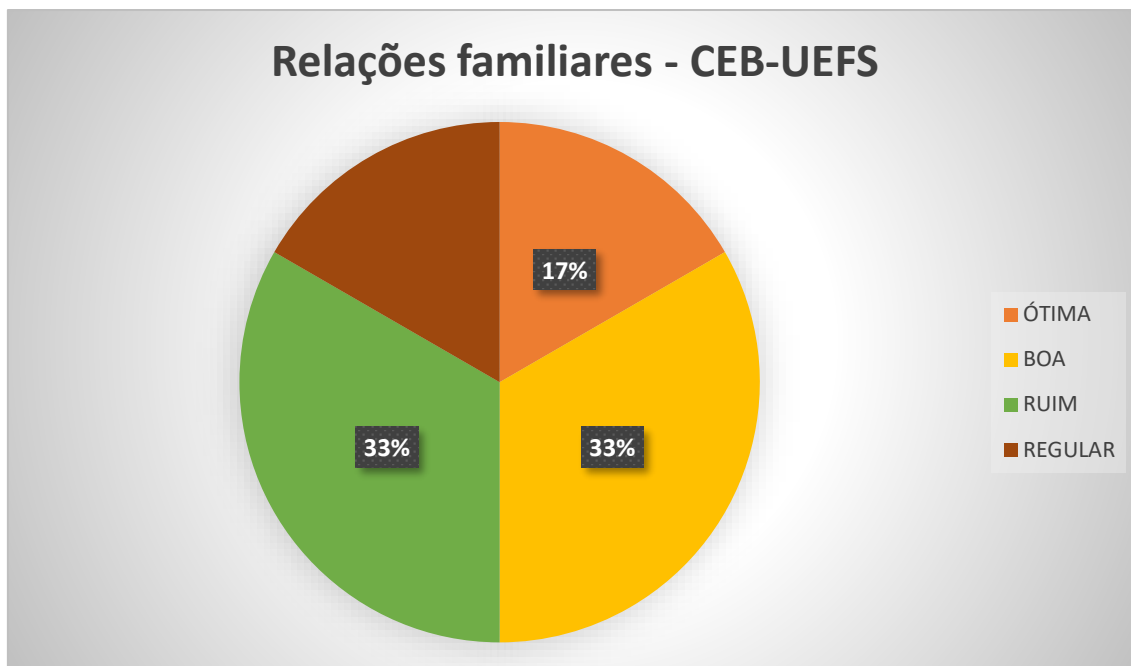


O grupo CEB possui uma relação familiar com poucos conflitos em relação ao grupo NEUZA. No entanto, apenas 17% dos participantes conversam com os familiares sobre assuntos que julgam importantes. Outros 33% preferem

não conversar, tem em seus smartphones um mecanismo de fuga da realidade. Os amigos da escola também são preferência em 33% dos casos. Professores e a família parecem ter o mesmo grau de confiabilidade.



Para Oliveira (2009) as trocas afetivas no contexto familiar podem definir as direções do modo de ser com os outros afetivamente e também com as ações que cada membro realizará, configurando-se de diferentes maneiras, deixando marcas que carregarão para a vida toda, construindo, dessa forma, sua identidade. Ao observar os gráficos sobre as relações familiares percebe-se o impacto que essas relações transmitem nas relações extrafamiliares. O grupo NEUZA, os quais 92% dos alunos se consideram extrovertidos, 67% dos participantes classificaram as relações familiares como ruins, apenas 17% consideram boas as relações e 8% consideram ótimas ou regular.

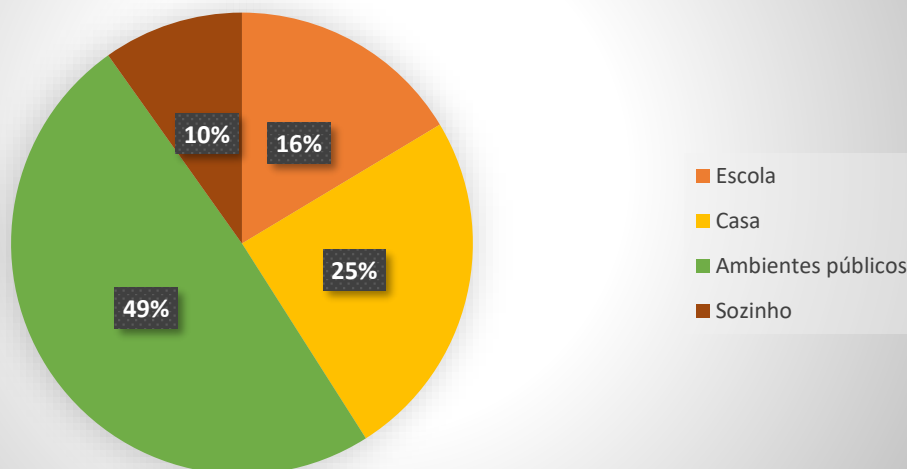


O grupo CEB também apresentou um elevado número de adolescentes que consideram as relações familiares como ruins: 33% dos participantes. No entanto, outros 33% consideram boas as relações no seio da família. Apenas 17% consideram ótimas as relações dentro de seus lares.

Como são as relações em grupo? Em quais ambientes sentem-se constrangidos?

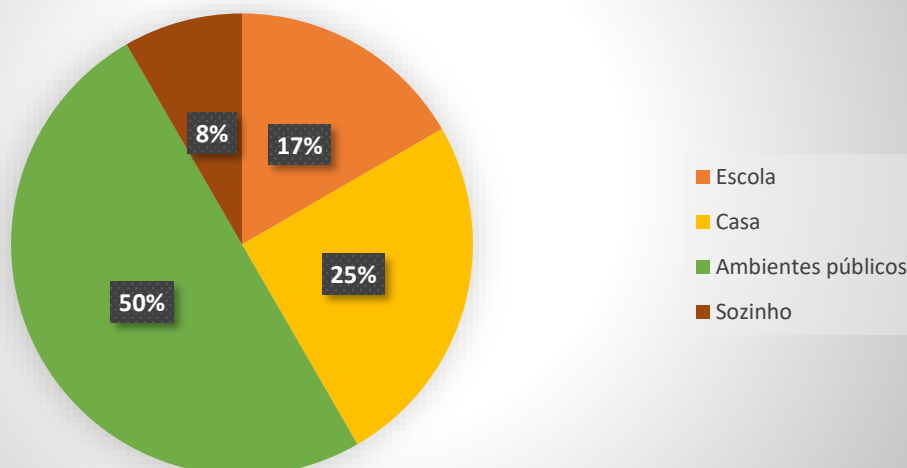
Freschi (2013) Para convivermos bem com as pessoas é preciso demonstrar afetividade e a escola, juntamente com a família, é a base da construção de valores. O contexto escolar tem um papel essencial na vida de cada aluno que vai à escola em busca do que muitas vezes não tem em casa: amor, carinho, amizade, consideração entre outros sentimentos. O que se percebe é que família e escola tem papéis fundamentais na formação das relações. O que não podemos deixar de considerar que as relações de amizades entre colegas de escola também têm funções relevantes nas estruturas de poder. O que formam uma tríade funcional nas relações de poder que resultam em sujeitos sociais. Os ambientes públicos que vão além dos espaços escolares e familiares são os apontados como grandes espaços geradores de constrangimentos. Dos participantes 49% do grupo Neuza se consideraram se sentir constrangidos quando estão longe da família ou dos espaços escolares.

Ambiente, os quais, sentem-se constrangidos com frequência - NEUZA



O segundo local de constrangimento 25% são quando estão em contatos com as famílias. Apenas 10% dos participantes se sentem constrangidos quando estão sozinhos no grupo Neuza.

Ambiente, os quais, sentem-se constrangidos com frequência- CEB-UEFS



Já o grupo CEB 50% dos participantes sentem-se constrangidos em espaços públicos fora da escola e desacompanhados de familiares. 25% não gostam dos momentos em família. 17% dos participantes sentem-se constrangidos em espaços escolares. Quando questionados responderam sofrer Bullying na escola. Apenas 10% dos participantes sentem-se constrangidos ao ficar sozinhos. Todos os participantes disseram já ter problemas em algum momento nas relações com grupais.

5.3.2 Durante as oficinas

As oficinas tiveram por objetivo mediar a socialização de adolescentes estudantes de Escolas Públicas Municipais nos Municípios de Santo Estevão e Feira de Santana tendo como principal ferramenta de apoio atividades desenvolvidas através das diversas formas de expressão das artes. Como já elucidado, foram desenvolvidos sob três perspectivas: Conhecendo o Eu; Eu e o Outro; Eu o Outro e o Mundo.

Primeira oficina: *QUEM SOU EU?*

Grupo *NEUZA*

Data: 03/10/2015

Horário: 14h às 16h

A primeira oficina foi realizada com o grupo NEUZA na Unidade Escolar. O espaço organizado para realização das atividades foi na biblioteca, por ser um espaço reservado, com ar condicionado, o qual oferece privacidade pela acústica. Dois funcionários se dispuseram a auxiliar no desenvolvimento da pesquisa: Marines (auxiliar bibliotecária) e Julival (bibliotecário). Nesse espaço, desenvolverei descritivamente as oficinas por grupo.

Sob o aspecto Conhecendo o Eu realizamos duas oficinas a oficina de apresentação: *QUEM SOU EU?* E o oficina *Corpo e expressão DE SI*.

Participaram dessa oficina 12 adolescentes² com idade entre 12 a 16 anos. Com objetivo de despertar nos participantes conhecimento e interesse dos direitos e deveres da participação cidadã, partindo do conhecimento de si para a socialização, a sala foi ambientada conforme descrição do roteiro da oficina para recepcionar os participantes e deixá-los familiarizados uns com os outros, pois apesar de estudarem na mesma escola não são colegas de turma.

Quando chegaram os primeiros participantes estávamos ouvindo uma música me calma e instrumental de Beethoven; os alunos chegaram e sentaram em silêncio. O deixei sozinhos na sala por uns 15 minutos. Nesse tempo a música foi trocada e colocada uma música de Anita. Nesse momento foi observado alguns movimentos e risos altos no momento que trocamos a música.

Após saudação de boas-vindas foi realizada uma dinâmica de apresentação. Os participantes deveriam falar os nomes em voz alta para que fossem

² Os adolescentes tiveram seus nomes substituídos por apelidos que os mesmos escolheram na entrevista inicial como forma de proteção de suas identidades.

memorizados por todos. Alguns comandos foram dados e de acordo com os comando os participantes falariam em couro o nome do participante da direita, esquerda ou o próprio nome. Semelhante a um trava língua a dinâmica levou os alunos ter que exercitar prestar atenção no outro e controlar riso e não passar sem participar da rodada.

Nessa dinâmica podemos perceber que os estudantes tinham medo de tocar uns aos outros. Sempre que alguém seja por desatenção ou não tocava em alguma parte do corpo, em especial os braços, ouviam-se gritos:

- *Tá doido! Quer me agarrar é? Te dou um murro!* (E. 12 anos)

Realizamos esse momento repetidas vezes. Após colocamos novamente a sonata de Beethoven; solicitamos que os alunos se dirigissem a mesa e pegassem um balão e o enchesse. Poderiam escolher os balões que melhor agradassem. Foram orientados a encher os balões e amarrarem. Dentro dos balões tinha frases. Os balões deveriam ser mantidos no ar com pequenos tapas sem deixar cair. Quem deixasse cair deveria estourar os balões, completar as frases em voz alta, relatar quem eles se consideravam naquele momento. Alguns alunos demoraram por se manter no ar por mais tempo. Dois tentaram derrubar os balões do colega e foi impedido por uma participante.

J. um dos participante relatou: - Assim não vale! Teve trapaça! Derrubaram o meu balão.

Finalizando a dinâmica, iniciou-se uma discussão sobre os direitos e deveres dos adolescentes. Lembramos que não podemos interferir nos direitos uns dos outros e que as relações deveriam ser mantidas com cautela e respeito. Conversamos sobre os horário de chegada e saída das oficinas. As faltas e atrasos poderiam comprometer a realização das oficinas. Muitas questões foram discutidas principalmente sobre as relações de poder. A pergunta mais debatida foi quem sou eu no mundo? Finalizamos a oficina com um abraço coletivo e lembrando que na semana seguinte teria mais.

Primeira oficina: *QUEM SOU EU?*

Grupo CEB

Data: 11/11/2015

Horário: 8:h às 10:h

A primeira oficina do grupo CEB aconteceu no espaço da sala de vídeo da Unidade escolar. Os participantes foram pontais. Chegaram todos ao mesmo tempo, como se tivessem vindos juntos. Foi utilizada nesse momento a mesma estratégia do grupo Neuza: Música instrumental inicial e música agitada 5 minutos depois. A reação dos participantes foi muito silenciosa. Enquanto aguardavam ouvido a música, colocaram fones de ouvidos (três participantes), enquanto os outros três conversavam quase por mímica uns com os outros.

Dada as boas vindas, organizamos o grupo para realizarem as apresentações. Todos já se conheciam, já havia estudados juntos, mas não se consideravam amigos, apenas colegas. Os próprios participantes escolheram quem deveriam apresentar. O grupo deveria conversar entre si, dando o maior número de informações possíveis ao final do tempo escolheriam algum participante para apresentar. 10 minutos foram estabelecidos para essa etapa.

F. foi uma participante muito silenciosa com o grupo. Preferiu falar de si.

- Sou tímida, não gosto de sair, também não gosto de conversar com as pessoas em casa.

A. C. apresenta A.

- A. não gosta de fazer aniversário em 31 de dezembro. Demora de ter confiança nas pessoas. Se considera seletiva. Se acha lerda. Não gosta de pessoas que falam de conhecimentos: digo para os outros sem saber o que falam. A. toma a palavra e continua:

- Tenho meu grupinho em sala, mas não gosto de falar não. Fora de lá não consigo muito. Minha mãe disse que não tenho sentimentos. Não converso muito fora de casa com as pessoas. Agora acho normal falar na sala porque conheço os alunos. Quando estou acompanhada é melhor. Só morro de Vergonha.

I. apresenta C.

- Tímida, dificuldade de criar amizade, até cinco anos tinha vergonha da família, gosta de estudar por necessidade. C. começa a falar interrompendo I.:

- Sou conversadeira em casa e carinhosa.

A. apresenta I:

- I. diz que estuda para ser advogada, gosta de ler, é estressada, ciumenta, ansiosa, dificuldade de fazer amizade, não é tímida atualmente, diferente da infância que era considerada metida por alguns. Isabelle interrompe C. e diz:

- Minha família gosta de festa. Eu me acostumei, mas é chato, músicas altas, me dá agonia.

N. : O participante preferiu não falar nem dele nem do outro.

A atividade seguinte exigiu que os participantes levantassem das cadeiras e pegassem uma bexiga sobre a mesa. Os participantes começaram a conversar entre si de forma amigável. Todos queixaram-se de cansaço nesse dia.

Finalizando a dinâmica, iniciou-se uma discussão sobre os direitos e deveres dos adolescentes. Lembramos que não podemos interferir nos direitos uns dos outros e que as relações deveriam ser mantidas com cautela e respeito. Conversamos sobre os horários de chegada e saída das oficinas. As faltas e atrasos poderiam comprometer a realização das atividades. Muitas questões foram discutidas principalmente sobre as relações de poder. A pergunta mais debatida foi: “quem sou eu no mundo?” Finalizamos a oficina com um abraço coletivo e lembrando que na semana seguinte teria mais.

2º oficina: Corpo e expressão de si

Grupo NEUZA

Data: 11/10/2015

Horário: 14h às 16h

Aguardava a chegada dos participantes na biblioteca. Os participantes chegavam agitados. C. um adolescente de 14 anos chegou e em tom alto falou:

- Para que isso professora! Estava muito agitado. Havia participado do primeiro encontro.

Foi orientado a sentar e aguardar início da oficina. O mesmo relatou:

-Vou alí e volto! Rindo descontroladamente. Retornou já na segunda atividade da oficina.

Iniciamos as atividades com um abraço coletivo. Três participantes não conseguiram participar do abraço coletivo.

A atividade seguinte exigia movimentos em círculos e atenção. Muitos risos durante a atividade. O que foi observado é que mesmo sendo agitados, quando orientados a realizarem atividades tinham dificuldades na execução, pois tinham vergonha de falar. A atividade exigia imaginar uma visita a casa de um personagem imaginário chamado Zé. No entanto, deveriam bater à porta, pedir licença, falar em tom ameno. Algumas respostas foram semelhantes às de C.:

- Tenho vergonha professora! (C. 16 anos).

Conversamos sobre a importância em falar com cautela aos outros. Alguns cuidados devem ser tomados ao nos reportar verbalmente aos outros.

Foi proposto ao grupo, escolherem um local na biblioteca. Atividade exigia movimentos sem retirar os pés do local. Deveriam plantar, regar, e representar uma planta sem sair do lugar. Os alunos tiveram dificuldades em equilíbrio. 6 participantes tiveram dificuldades em tocar o próprio corpo. Como relatou E.:

- Isso é ousadia professora!

Ao final conversamos sobre a responsabilidade com o nosso corpo. Conhecer o nosso corpo também é nos conhecer. Foram questionados se existe pessoa sem corpos e quais espaços de participação do corpo. Durante o debate a questão: Os movimentos que vocês realizaram, quais sensações mais lhe modificou ou te fez refletir com mais simpatia ou empatia?

- Não poder sair do lugar foi ruim (L. 12 anos).

- Ficar me pagando! (K. aos risos).

O debate foi voltado para refletimos sobre o corpo como expressão de si. Para se colocar como seres sociais, existe a necessidade do conhecer os limites do próprio corpo.

Para finalizar a oficina realizamos uma avaliação sobre o encontro com uma palavra.

Disseram: “Gostei muito”, “queria que durasse mais”, “As aulas deveriam ser assim”.

A despedida foi feita em forma de ciranda. Finalizamos com um abraço coletivo onde teve a participação de todos.

2º oficina: Corpo e expressão de si

Grupo CEB

Data: 18/11/2015

Horário: 8:00h às 10:00h

A segunda oficina do grupo CEB ocorreu de forma pontual. Os participantes pareciam estar mais entrosados do que o primeiro encontro. Se abraçaram e conversaram com mais segurança enquanto aguardavam o início das atividades ouvindo a música.

Sobre a atividade para imitar uma planta, ou algo que representassem um jardim uma participante relatou no momento da avaliação: “Fazendo a plantinha a timidez foi embora; quando vejo muita gente me olhando aí...” (v. 13 anos). “Senti uma felicidade quando realizava os movimentos” (A. 13 anos). “Nostálgico- já tinha feito algo assim. Diminui a timidez, compensou a vergonha” (N. 13 anos em tom de vos bravo). “Imitar um sapo nos foi estranho e simpático ao mesmo tempo (A. C. 12 anos). “Nunca imaginei imitar um sapo” (A. 13 anos).

Construímos uma poesia coletiva para incentivar a conversa entre os participantes do grupo após o debate sobre corpo e expressão de si. A mesma proposta foi feita no grupo Neuza sem êxito. A poesia ao final foi apresentada. Todos participaram da apresentação.

Poesia construída em grupo

Corpo expressão da alma

Meu corpo é uma casa onde habita minha alma
 Com todos os meus medos, alegrias e sensações,
 Sensatas são as emoções exprimidas nessa ala.
 Criativos são os devaneios proporcionados além da fala
 Não há para onde correr
 Qualquer expressão demonstram uma emoção
 Pela manhã cedo me coloca para pensar
 A alegria que agora tenho em poder me expressar.

A poesia resume as atividades em grupo.

Agora partimos para a segunda etapa das oficinas: **EU e o OUTRO**: Oficina de teatro: O meu eu no outro; Dança: socialização em movimento.

3º oficina: O meu eu no outro

Grupo NEUZA

Data: 17/10/2015

Horário: 14h às 16h

A sala estava organizada com um grande tapete no chão. Todos participantes foram orientados a escolher a posição que ficassem mais confortáveis. O professor pede para que os alunos se deitem no chão e fechem os olhos e os convida a ouvir os sons do ambiente, prestando atenção primeiramente nos sons que estão acontecendo mais perto, depois os que estão vindo de mais longe. Além de, com os olhos fechados, tentarem perceber que sons são aqueles que estão ouvindo. O grupo abre os olhos e conversa sobre a experiência e os sons que foram identificados. Foi um momento de relaxamento total. Ao final da atividade uma aluna chegou a dormir. Ao conversarmos disseram ter sentido uma paz nunca antes experimentada.

- “Parece que sai do meu corpo” (L. 12 anos), “A melhor sensação que já tive (K. 16 anos) ”.

O momento foi preparatório para iniciarmos os trabalhos em equipe. Divididos em trios, os participantes tiveram 15 minutos para improvisar uma cena de compras em supermercados a qual tiveram que resolver algo inesperado. Foram orientados sobre o controle das emoções e deveria resolver causando o mínimo de conflitos possíveis. Conseguiram trabalhar em equipe e todos atingiram o objetivo da atividade. “Deveria acontecer assim na vida, as pessoas são tão grossas” (K. 16 anos). O debate discorreu

sobre não vivermos sozinhos no mundo. Vivemos sozinhos? Como é relacionar-se com o outro? O outro é necessário em nossas relações? O que fazer para lidar com as situações inesperados do outro? O roteiro improvisado deu aos participantes uma visão geral sobre a temática.

Para o próximo encontro os participantes poderiam levar uma música de sua preferência colocar antes do início das atividades. Avaliamos o encontro em uma palavra: “Bom demais” (J. 13 anos).

3º oficina: O meu eu no outro

Grupo CEB

Data: 27/11/2015

Horário: 8:00h às 10:00h

Iniciamos as atividades com todos sentado sobre um grande tapete com a atividade ouvindo o ambiente. Relataram que sentiram muito sono. Na proposta sobre o roteiro improvisado pensaram em uma situação a qual o grupo foi ao Shopping em uma lanchonete estilo americana e deveriam dançar em público.

Relatos: “Adorei dançar em público” (A. 13 anos); “nossa! Nunca me imaginei nessa situação. Que mico” (N. 13 anos).

O debate discorreu sobre não vivermos sozinhos no mundo. Vivemos sozinhos? Como é relacionar-se com o outro? O outro é necessário em nossas relações? O que fazer para lidar com as situações inesperados do outro? O roteiro improvisado deu aos participantes uma visão geral sobre a temática.

Para o próximo encontro os participantes poderiam levar uma música de sua preferência colocar antes do início das atividades. Avaliamos o encontro em uma palavra: ficaram indecisos. Um participante achou constrangedor, os demais acharam bom.

4º oficina: Dança: socialização em movimento

Grupo NEUZA

Data: 24/10/2015

Horário: 14h às 16h

Essa oficina encerra esse segundo momento: preparos para o mundo. O importante nessa oficina era reconhecer-se enquanto sujeito social; perceber diversas as formas de socialização; analisar posicionamentos individual e grupal. Realizamos uma dinâmica de relaxamento para compreendermos sobre o controle das emoções no trato das relações. Nesse dia o que me chamou atenção foi a

capacidade de observação que o grupo nesse momento já havia desenvolvido. E assistimos pequenos vídeos sobre danças de outras culturas. As danças europeias demonstradas nos vídeos foi o que mais gerou entusiasmos. “Eu quero Visitar a Espanha”
Relatou J.

O Debate transcorreu sobre a possibilidade de ter influência de outras culturas em nossa formação. Tem algo deles em mim? Como é relacionar-se com o outro? O outro é necessário em nossas relações?

Nesse dia não falaram muito. Conversamos que o próximo encontro seria uma viagem ao museu. O Museu fica em outro município e por isso não esquecerem os documentos pessoais.

Avaliamos o encontro em uma palavra: Ótimo.

4º oficina: Dança: socialização em movimento

Grupo CEB

Data: 25/11/2015

Horário: 8:00h às 10:00h

Essa oficina encerra esse segundo momento: preparos para o mundo. O importante nessa oficina era reconhecer-se enquanto sujeito social; perceber diversas as formas de socialização; analisar posicionamentos individual e grupal. Realizamos uma dinâmica de relaxamento para compreendermos sobre o controle das emoções no trato das relações. E assistimos pequenos vídeos sobre danças de outras culturas. As danças europeias demonstradas nos vídeos foi o que mais gerou entusiasmos. As danças africanas e chinesas foram as mais apreciadas. O Debate transcorreu sobre a possibilidade de ter influência de outras culturas em nossa formação. Tem algo deles em mim? Como é relacionar-se com o outro? O outro é necessário em nossas relações? Não se reconheceram nas apresentações, mas falaram sobre como as culturas influenciam outras culturas.

Conversamos que o próximo encontro seria uma viagem ao museu da Universidade. Eles já conhecem o museu. Por ficar perto, a visita se estenderia ao serpentário e biblioteca da UEFS. Avaliamos o encontro em uma palavra: Ótimo.

Finalmente a 3ª etapa das oficinas: **EU, o OUTRO e o MUNDO**. Essa etapa realizaremos dois momentos: visita ao museu: socialização interativa e oficina de artes plásticas: o mundo que me rodeia

5º oficina: Visita ao museu

Grupo NEUZA

Data: 24/10/2015

Horário: 14h às 16h

Grandes expectativas. Agora, aqueles alunos que já foram excluídos pela escola de participarem de eventos, viagens e demais atividades lúdicas estavam ganhando voos para a cidadania. Quando chegamos com o transporte em frente à escola os sorrisos eram tão largos que não deu para esconder. Naquele momento, tivemos que controlar a emoção. O funcionário Julival estava ali para dar todo suporte necessário. Arrumados feito missa de domingo (como disse um participante), poderiam ir sem o fardamento. Cleiton o subir no veículo relatou: “Que emoção”. Olhos atentos ao caminho: “Espera professora, falta J!” ” Aguardamos por 20 minutos, mas não veio. “Uma pena disse outro”. Partimos ainda olhando para trás. Enfim, 45 minutos de estrada, lá estávamos: em frente ao museu, estávamos na universidade Estadual de feira de Santana. Um grupo de alunos que por muito tempo foram excluídos. Não era o objetivo das oficinas trabalhar com os excluídos. Mas aprendemos a deixar de ser. Foi vencida a barreira da exclusão. Entraram ao museu tão melindrosos: “Vamos nos comportar, a professora confiou em nós!” a exposição era sobre fotografias. Uma artista local fotografou as festas de Reis da região. “Não toquem em nada disse L.”. Eu ali não precisava corrigir comportamentos. Apenas os observava. Não me sentia professora, mas uma amiga que os ajudou a perceber um novo mundo de possibilidades.

Foi tão prazeroso esse momento que resolvi leva-los a biblioteca da Universidade, ficava a poucos metros do Museu. “Vamos professora, por favor!” ”. Vamos queridos, afinal a autorização dizia visitar a Universidade. E lá estávamos diante de uma grande biblioteca. Uma das maiores do Estado da Bahia. As horas se passaram rápido. Chegou o momento de retornar. K. Chorou de emoção. “Nunca pensei queria possível uma viagem assim, da escola!” ”. Bem, partimos dali. Mas os sonhos foram plantados. Alçaram Voos! Não foi observado extroversão, delinquência em nenhum participante, apenas entusiasmos, vontade de crescer e melhorar como seres humanos. “Não bagunço mais” disse E.

5º oficina: Visita ao museu

Grupo CEB

Data: 18/12/2015

Horário: 8:00h às 10:00h

O grupo CEB é mais independente, nos encontramos na própria Universidade. Não quiseram visitar o Museu, já conheciam a exposição. Visitamos o serpentário. Reviram algumas cobras, mas disseram já conhecê-las. “São velhas professora!” disse um participante. Nesse dia visitamos a biblioteca pois estava acontecendo uma exposição de artesanato. “Nossa quanto trabalho bonito!” Disse I. Selfs! Apenas 5 participantes realizaram a visita. Observamos a exposição. Solicitamos que conversassem com os expositores e pedissem informações sobre os produtos. Conversaram apenas com os que expuseram algo que jugaram interessantes. Muito civilizados, sempre com expressões: Com licença! Por favor! Poderiam me falar algo sobre? Está à venda? Sorriam. “Estou me sentindo adulto pró!” Uma segurava a minha mão. “Vamos ali prosinha!”. Pode ir querida, estou por perto!

Finalizamos a visita de forma harmoniosa. O grupo avaliou em uma palavra esse momento: Ótimo!

6º oficina: Artes plásticas: O mundo que me rodeia

Grupo NEUZA

Data: 04/11/2015

Horário: 14h às 16h

Último encontro. Todos presentes. Esquecemos de salientar que um participante desistiu devido ter levado suspensão da escola desde a terceira oficina. Mas os demais estavam ali. J. me encontra: “Professora vamos continuar né? Acaba não?” Infelizmente o projeto chegou ao fim. Iniciamos a oficina com um abraço coletivo. Havíamos rompido as barreiras e alguns preconceitos sobre corpo.

Lemos a poesia de Cecília Meirelles “Retrato”. Eu não tinha este rosto de hoje, / assim calmo, assim triste, assim magro, / nem estes olhos tão vazios, / nem o lábio amargo. / Eu não tinha estas mãos sem força, / tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração / que nem se mostra. / Eu não dei por esta mudança, / tão simples, tão certa, tão fácil: / - Em que espelho ficou perdida a minha face?

Agora é o momento de repensar: o que somos, o que queremos ser?

Em duplas, os alunos deveriam pintar algo que os representassem como seres individuais convivendo em coletivo. Ao final apresentaram os trabalhos oralmente. Compreenderam enfim que são os artistas da própria vida.

A avaliação das oficinas foi muito positiva. Todos avaliaram como ótima e desejaram ter mais momentos como aquele.

A despedida teve choro, teve lanche, teve sorrisos, teve emoção. Teve também um grande abraço coletivo. Construíram ali um grupo de apoio.

6º oficina: Artes plásticas: O mundo que me rodeia

Grupo CEB

Data: 18/12/2015

Horário: 8:00h às 10h

A sexta oficina foi ao ar livre. O cenário foi debaixo de árvores.

Depois das boas vindas lemos a poesia de Cecília Meirelles “Retrato”. Eu não tinha este rosto de hoje, /assim calmo, assim triste, assim magro, /nem estes olhos tão vazios, /nem o lábio amargo. /Eu não tinha estas mãos sem força, /tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração/ que nem se mostra. / Eu não dei por esta mudança, / tão simples, tão certa, tão fácil:- Em que espelho ficou perdida a minha face?

Esse momento foi de repensar: o que somos, o que queremos ser?

Individualmente os participantes pintaram algo que os representassem como seres individuais convivendo em coletivo. Ao final apresentaram os trabalhos oralmente. Compreenderam enfim que são os artistas da própria vida.

A avaliação das oficinas foi muito positiva. Todos avaliaram como ótima e desejaram ter mais momentos como aquele.

Semelhante ao grupo NEUZA a despedida teve choro, teve lanche, teve sorrisos, teve emoção. Teve também um grande abraço coletivo.

5.3.3 Análise final

Grupos diferentes, reações diferentes, mas aprendizados para a vida. Todos foram modificados de alguma forma positivamente. O grupo NEUZA deu seu grito de independência. Antagônico? Sim! Antes gritavam por socorro, para chamarem atenção que estavam por ali. As atividades serviram para mostrar o poder das mediações das emoções no trato das relações. *O apropriar-se da Arte como uma forma de socialização* foi apenas um gatilho inicial. Percebemos que pelo menos durante as oficinas os participantes passaram a refletir as ações e reações. Tanto o grupo NEUZA quanto o grupo CEB compreenderam que lidar com o outro é essencial. Conhecer diariamente o EU, o OUTRO e o MUNDO faz parte da vida. As formas de lidar em todas as situações que irá fazer o diferencial.

Tivemos que fazer adaptações as oficinas de acordo com os posicionamentos dos grupos, mas conseguimos avançar positivamente. Acreditamos que os resultados foram além dos objetivos iniciais.

As experiências com as oficinas foram intensas, gratificantes e de muito aprendizado. Algumas dificuldades serviram de crescimento pessoal e acadêmico. Ao organizar as oficinas, tínhamos a certeza da valiosa contribuição com a educação tão carente de apoio ao trato com os educandos.

Ao final, vejo que muito tenho a aprender, que as experiências com essas oficinas foram essenciais para o aprendizado de todo e qualquer profissional. A teoria não deu conta de abraçar tamanha realidade, tantas vidas, tantas histórias. No entanto, o maior obstáculo ainda esteve na aceitação de alguns profissionais da educação que ainda vê as artes como dispensável a sala de aula, ou dispensável a vida.

CAPITULO VI – MARCO AVALIATIVO

6. Estratégias de avaliação e retroação: Indicadores de avaliação e de impacte

O ato de avaliar exige também a ação de retroagir. Retroagir no sentido de relembrar, rememorar. Para o estudioso e pesquisador educacional Martins (2002) as formas de traduzir a retroação e de reativá-la, enquanto exercício dinâmico de memória formativa, poderão exprimir-se através de vários dispositivos e linguagens. Desde a retroação introspectiva, íntima, solitária e individualizada, à retroação partilhada em grupo restrito ou mais alargado, todas elas poderão passar pela expressão oral, pela expressão escrita e pelo desenho, ou então encontrar associações entre várias destas linguagens e combinações com outras (MARTINS 2002, pg. 185).

Nesse sentido, a avaliação ocorreu em todas as etapas de desenvolvimento deste estudo. Levando em consideração os PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes da Educação brasileira (2001) relata que o momento de avaliação também é uma situação de aprendizagem e está a consolidar uma situação de avaliação. As avaliações foram realizadas através de auto avaliação, avaliação coletiva, individual e institucional.

Muitos impasses foram encontrados pelos caminhos. Não tivemos apoio financeiro, mas contamos com muitas parcerias. O Secretário de educação José Agnaldo foi um parceiro para realização de algumas atividades com o grupo NEUZA ao financiar o veículo para visita aos territórios da Universidade Estadual de Feira de Santana. Grupo carente financeiramente e necessitados de atenção recebeu nesse projeto incentivos para mudança de posicionamentos que os colocavam em posição marginalizada perante as relações de poder existentes na escola, família e sociedade. O grupo CEB teve a parceria da escola sempre muito cautelosa com os avisos e comunicados aos pais.

6.1 Os instrumentos de avaliação

Como já elucidado, a avaliação ocorreu de forma processual dentro das possibilidades de auto avaliação e avaliação interna. O principal instrumento avaliativo foi através de questionários e entrevistas direcionadas aos alunos, diálogos com as instituições educacionais. Esse processo foi encarado como parte da formação. Para Guerra (2002) a avaliação como processo de Formação deve

ser entendida como um processo de aprendizagem, por se tratar de um instrumento de reflexão e racionalização face a contextos e resultados da ação. Para esta autora os responsáveis da ação aprendem a gerir, a adaptar as soluções, as necessidades e aos contextos evolutivos que se modificam constantemente através dos acompanhamentos avaliativos. Como elucidado na metodologia, a observação direta do investigador também serão meios para estruturação e elaboração da avaliação.

A pesquisa de investigação-ação teve como meta, principal, analisar possíveis mudanças comportamentais dos sujeitos após interação com expressões artísticas. Desse modo, percebemos que conseguimos atingir nossos objetivos tanto no grupo NEUZA quanto no Grupo CEB.

Além das referências, já utilizadas na construção deste documento, os PCNs regulamentador da Educação Brasileira têm um foco especial por considerar as atividades propostas na área de Arte meios de garantia e ajuda as crianças e jovens a desenvolverem modos criativos, imaginativos e criadores de fazer e de pensar sobre a arte, exercitando seus modos de expressão e comunicação.

CAPÍTULO VII – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

7. CONCLUSÕES

Durante todo percurso percebemos que trabalhar com adolescentes não é tarefa fácil. Ser professor pesquisador, numa sociedade tão desigual, chega a ser desmotivador. No entanto, a motivação surge através de um olhar esperançoso de um mundo melhor, mais justo, possível de formar cidadãos independentes das classes sociais as quais pertençam. Uma pesquisa que parte da necessidade de socialização, parte também dos anseios daqueles mais necessitados de cuidados humanos. *Apropriar-se da arte como uma forma de socialização* é um “grito” a cidadania. A pesquisa aqui elucidada evidencia dois grupos diferenciados, mas dois grupos que precisavam ser ouvidos, orientados, incentivados na busca de formas criativas a novos comportamentos.

O que percebemos é que as Instituições Educacionais ainda não conseguem dar conta do complexo vasto mundo das pessoas que compõe, os quais são responsáveis direta e indiretamente pelas trajetórias de vidas. Podemos tomar como exemplo o educador Paulo Freire que vê na educação a arma mais poderosa para as mudanças sociais que precisamos. Ficou evidente nessa trajetória que muito ainda precisa ser feito. Todos os educadores têm uma grande missão: formar para cidadania. As instituições de Ensino têm grande responsabilidades, mas continuam, muitas vezes inertes. No entanto, não devemos ficar à espreita, a margem, esperando se deram conta dessas responsabilidades. Devemos sim fazer com que percebem que precisam mudar de estratégias para não continuar marginalizando aqueles que tem como única porta para a cidadania a educação. Excluem-se os extrovertidos ou “sufocam” os inibidos? A grande questão está na formação e engajamento profissional que cada educador possui. Essa pesquisa não salva o mundo, mas deu norte para alçar voos a 18 adolescentes que o sistema educacional ainda não havia sentido a necessidade de cuidados humanos que precisavam.

Ser professora de artes, língua portuguesa, história ou geografia não impede que sejamos mais atentos a realidade de nossos educandos, na verdade, temos a possibilidades de incentivá-los para o fato de que os mesmos podem e devem ser artistas da vida em qualquer área do saber.

Percebe-se que a arte pode ser utilizada como ferramenta lúdica em processos de socialização, pois a mesma desperta prazer, curiosidades, desafios criativos, capazes de dinamizar os ambientes que interagem com a escola. A arte na educação contribui a socialização por vislumbrar o mundo interno e externo, conhecimento de si, do outro e da sociedade de forma abstrata, teórica prática e criativa. No entanto, o engajamento profissional, também deve advir da formação adequada a esta área do saber. O grande dilema de um bom arte-educador está na formação, apropriação do conhecimento, bem como no engajamento que o profissional traz consigo.

A arte pode mediar a socialização por meios de discussões que permitam o crescimento como pessoa humana, cultural e social. Na escola, se mediado por um profissional qualificado, arte é apresentada como conhecimento, tornando-se uma ferramenta essencial ao desenvolvimento de sujeitos sociais participativos e proativos. Apresentada como um simples ornamento seria uma forma de desqualificação dessa grande “fonte” do saber.

Dessa forma, o cotidiano escolar que ainda respira métodos tradicionalistas de ensino, a partir desse momento, tem a possibilidade de refletir novos rumos para o Ensino aprendizagem em Artes. As demais disciplinas, a exemplo língua portuguesa e matemática, que sempre são consideradas prioritárias, tem a mesma relevância no processo de construção dos sujeitos que a disciplina de Artes.

Conhecer, discutir e refletir documentos que norteiam o ensino de Arte no Brasil a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN- Arte), sem dúvidas contribuem consideravelmente para uma prática inovadora no cotidiano escolar. Os documentos oficiais propõem que a disciplina seja trabalhada em suas quatro linguagens: Artes-Visuais, Música, Teatro e Dança, em que cada uma delas é abordada em três eixos norteadores, que formam os conteúdos estruturantes e direcionam o trabalho de arte na escola, sendo eles os elementos formais, composições, movimentos e períodos.

8. RECOMENDAÇÕES

Bose (2000, p.12) Cita que a arte é um fazer- A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chama- se artística.

Recomenda-se que as Instituições de Ensino tenham mais cautela ao se pensar educação. A valorização das artes na educação é tão importante quanto essencial.

Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um “grito da alma”, não estamos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional. Por ambas a escola deve se responsabilizar (BARBOSA, 2012, p. 22-23).

Que possamos, como professores, de Arte conhecer desde os conceitos fundamentais da linguagem da Arte até os meandros da linguagem artística em que se trabalha. Comungando em os estudos de Martins (2012) temos de saber como a arte se produz – seus elementos, seus códigos – e também como foi e é sua presença na cultura humana, o que implica numa visão multicultural, na valorização da diversidade cultural. É preciso, ainda, conhecer seu modo específico de percepção, como se estabelece um contato mais sensível, como são construídos os sentidos a partir das leituras, como aprimorar o olhar, o ouvido, o corpo. *Mas é preciso saber ainda como mobilizar estes saberes, [...]* (MARTINS, 2012, p. 56).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem (2001). *A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papiru.
- ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa (2009). *Ensino de arte*. São Paulo: Cengage Learning, 122 p.
- BARBOSA, Ana Mae (1995). *Arte-educação no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 132 p.
- BARBOSA, A. M.; CIORNAI, S. (2000). Caminhos da criatividade. Rev. Insignr: psicoterapia e psicanálise. São Paulo, ano X, n. 103, p 9-18, fev.
- BOAL, Augusto (1988). *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. 200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- B823p Brasil (1997). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais : Arte / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília : MEC/SEF,130p.
- BROOK, Peter (1999). *Le diable c'est l'ennui*. Arles: Actes Sud – Papiers.
- COELHO, José Teixeira (1988). *O que é ação cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (2006). *A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo*. São Paulo: Hucitec.
- CARMO, H. & FERREIRA, M.M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para Auto-aprendizagem*. 1ª Edição. Lisboa: Universidade Aberta.
- CIORNAI, S. (1994). *Arte terapia gestáltica: Um caminho para expansão de consciência* Revista de Gestalt ,Nº 3, publicação do Departamento de Gestalt Terapia do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo.
- CIORNAI, S. Org. (2005). *Arteterapia gestáltica. Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia e supervisão em Arteterapia*. São Paulo: Summus, v 62.
- DESGRANGES, Flávio (2003). *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Hucitec.
- FISCHER, Ernst (1983). *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FREIRE, Paulo. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GRANDESSO, Marilene. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- GODOY, Arilda S. (1995). *Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. In Revista de Administração de Empresas, v. 35, nº3, março/abril, pg 57-63.

GUERRA, Isabel (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção - O Planeamento em Ciências Sociais*. Principia: Publicações Universitárias e Científicas: Cascais.

KOUDELA, Ingrid Dormien (1984). *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva,.

KRAMER, Sonia (1993). *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática.

KUGLER, P. (2002). *Imagem psíquica: uma ponte entre o sujeito e o objeto*. In P. Young-Eisendrath & T. Dawson (Orgs.), *Manual de Cambridge para estudos junguianos* (pp. 85-97). Porto Alegre: Artmed.

MAANEN, Jonh, Van (1979). *Reclaiming Qualitative Methods for Organizational Research: A Preface*, In *Administrative Science Quarterly*, vol. 24, nº 4. December, pg520-526.

MARTINS, Amílcar. (2002). *Didática das Expressões*. Composto e paginado na UNIVERSIDADE ABERTA.1.a edição. Lisboa.

MARTINS, Mirian Celeste (2012). *Conceitos e terminologia. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte*. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino de Arte*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 205 p.

MARTINS, Marcos Bulhões (2004). *Encenação em jogo*. São Paulo: Hucitec.

NEVES, José Luis (1996). *Pesquisa Qualitativa: Características, usos e possibilidades*. Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo, V. 1, Nº 3, 2º semestre/USP.

MORAES, Fabricio Fonseca. (2010). *Arte e Psicoterapia: uma quase apologia*. Rio de Janeiro. www.psicologiaanalitica.com

MOOSBURGER, Laura de Borba (2007). “A ORIGEM DA OBRA DE ARTE” DE MARTIN HEIDEGGER: Tradução, Comentário e Notas. Curitiba. Paraná.

NAUMBURG, M. (1991). *Arteterapia: seu escopo e função*. In E. F. Hammer (Org.), *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos* (pp.388-392). São Paulo: Casa do Psicólogo.

PASQUALI, Luiz. (2000). *Os Tipos Humanos: A Teoria da Personalidade*. Editora: CopyMarket.com.

PROENÇA, Graça (1994). *História da Arte*. São Paulo: Editora Ática.

PEIXOTO, Fernando (1980). *O que é teatro*. São Paulo: Brasiliense.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros (2006). *Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: uma aventura teatral*. São Paulo: Perspectiva.

ROGERS, C., DYMOND, R. (1954). *Psychotherapy and Personality Change*. Chicago: The University of Chicago Press.

RODARI, Gianni (1982). *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus.

RODRIGUES, Mauro Roberto (2004). *Poética da pequena pedagogia do teatro: protocolos e mediações em experimentos de aprendizagem de teatro*. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, USP, São Paulo.

ROUBINE, Jean-Jacques (1982). *A linguagem da encenação teatral*. Rio de Janeiro: Zahar.

RYNGAERT, Jean-Pierre (1991). *Le jeu dramatique em milieu scolaire*. Bruxelas: De Boeck,.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta à representação teatral*. Porto Alegre: Mediação,.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro* (2002). São Paulo: Perspectiva. _____. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin* (2001). São Paulo: Perspectiva.

SILVEIRA, Nise (1981). *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro. Alhambra.

SILVEIRA, Nise (1992). *O mundo das imagens*. São Paulo. Ática.

SILVEIRA, Amanda da Costa da (2012). MACEDO, Lídia Suzana Rocha de. *Self: Um Conceito em Desenvolvimento*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil. *Paidéia*. maio-ago. Vol. 22, No. 52, 281-289. doi:10.1590/S0103-863X2012000200014.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso (2008). *A Arteterapia Humanizando os espaços de saúde*. São Paulo: Casapsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.

VASCONCELLOS, Erika Antunes. GIGLIO, Joel Sales. (2007). *Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar*. *Estudos de Psicologia I Campinas I 24(3) I 375-383 I julho – setembro*.

ZIMMERMANN, E. B. (1992). *Integração de processos interiores no desenvolvimento da personalidade*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Estadual de Campinas.

Sites consultados

http://cenp.edunet.sp.gov.br/escola_integral/2007/cadernosofc.asp Acessado em 23 de maio de 2016

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> Acessado em Abril de 2017

APÊNDICES

APÊNDICE 01. TERMOS DE CONSENTIMENTOS

Universidade Aberta

Departamento de Educação e Ensino a Distância

MAE - Mestrado em Arte e Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO

Olá!

Estamos realizando um projeto de investigação-ação sobre como a arte na Educação poderá mediar a socialização e a reabilitação de sujeitos. Este projeto aplicaremos entrevistas e seis oficinas com estudantes da Educação Básicas. Nessas oficinas serão abordados temas que possam elaborar de forma criativa expressões que explorem as potencialidades teatrais, plásticas, musicais e sensibilidade estética de modo geral com duração de duas horas cada encontro. Após a realização destas oficinas os sujeitos envolvidos poderão dialogar suas experiências de forma que possa ocorrer uma ampliação significativa das experiências.

Os trabalhos serão conduzidos de forma cuidadosa e sigilosa quanto recolha e análise dos resultados. O aluno só poderá participar por livre e espontânea vontade.

Desde já ficamos gratos pela contribuição.

Declaro saber sobre o teor e segmento deste estudo concordando com os termos aqui elucidados

Atenciosamente,

Janete Moura Teixeira
Professora/pesquisadora

Assinatura ou rubrica do participante/ Responsável

_____ - BA, ____/ ____ de 2015

Universidade Aberta
Departamento de Educação e Ensino a Distância
MAE - Mestrado em Arte e Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO

Olá!

Estamos realizando um projeto de investigação-ação sobre como a arte na Educação poderá mediar a socialização e a reabilitação de sujeitos. Este projeto aplicaremos seis oficinas com estudantes da Educação Básicas. Nessas oficinas serão abordados temas que possam elaborar de forma criativa expressões que explorem as potencialidades teatrais, plásticas, musicais e sensibilidade estética de modo geral com duração de duas horas cada encontro. Após a realização destas oficinas os sujeitos envolvidos poderão dialogar suas experiências de forma que possa ocorrer uma ampliação significativa das experiências.

Os trabalhos serão conduzidos de forma cuidadosa e sigilosa quanto recolha e análise dos resultados. O aluno só poderá participar por livre e espontânea vontade.

Desde já ficamos gratos pela contribuição.

Declaro saber sobre o teor e segmento deste estudo concordando com os termos aqui elucidados

Atenciosamente,

Janete Moura Teixeira
Professora/pesquisadora

Assinatura ou rubrica responsável
CEB- Centro Municipal de Educação Básica

_____ - BA, ____/____ de 2015

Universidade Aberta
Departamento de Educação e Ensino a Distância
MAE - Mestrado em Arte e Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO

Olá!

Estamos realizando um projeto de investigação-ação sobre como a arte na Educação poderá mediar a socialização e a reabilitação de sujeitos. Este projeto aplicaremos seis oficinas com estudantes da Educação Básicas. Nessas oficinas serão abordados temas que possam elaborar de forma criativa expressões que explorem as potencialidades teatrais, plásticas, musicais e sensibilidade estética de modo geral com duração de duas horas cada encontro. Após a realização destas oficinas os sujeitos envolvidos poderão dialogar suas experiências de forma que possa ocorrer uma ampliação significativa das experiências.

Os trabalhos serão conduzidos de forma cuidadosa e sigilosa quanto recolha e análise dos resultados. O aluno só poderá participar por livre e espontânea vontade.

Desde já ficamos gratos pela contribuição.

Declaro saber sobre o teor e segmento deste estudo concordando com os termos aqui elucidados

Atenciosamente,

Janete Moura Teixeira
Professora/pesquisadora

Secretaria de Educação

_____ - BA, ____/____ de 2015

Universidade Aberta
Departamento de Educação e Ensino a Distância
MAE - Mestrado em Arte e Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO

Olá!

Estamos realizando um projeto de investigação-ação sobre como a arte na Educação poderá mediar a socialização e a reabilitação de sujeitos. Este projeto aplicaremos seis oficinas com estudantes da Educação Básicas. Nessas oficinas serão abordados temas que possam elaborar de forma criativa expressões que explorem as potencialidades teatrais, plásticas, musicais e sensibilidade estética de modo geral com duração de duas horas cada encontro. Após a realização destas oficinas os sujeitos envolvidos poderão dialogar suas experiências de forma que possa ocorrer uma ampliação significativa das experiências.

Os trabalhos serão conduzidos de forma cuidadosa e sigilosa quanto recolha e análise dos resultados. O aluno só poderá participar por livre e espontânea vontade.

Desde já ficamos gratos pela contribuição.

Declaro saber sobre o teor e segmento deste estudo concordando com os termos aqui elucidados

Atenciosamente,

Janete Moura Teixeira
Professora/pesquisadora

Assinatura ou rubrica responsável
EMPNMPS- Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva

_____ - BA, ____/____ de 2015

APÊNDICE 02. QUESTIONÁRIOS AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS



Universidade Aberta

Departamento de Educação e Ensino a Distância

MAE - Mestrado em Arte e Educação

Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva- EMPNMPS

Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana-CEB-UEFS

O apropriar-se da Arte como uma forma de socialização e reabilitação social

QUESTIONÁRIO (PAIS)

1) Qual seu nome?

2) Sabem por que estão aqui?

3) Como é sua relação familiar?

4) Você tem quantos filhos?

5) Conversa sobre assuntos diversos com seus filhos?

6) Como você vê seu filho (que irá participar da oficina)?

7) Você acha necessário ter boas reações interpessoais?

8) Como veem as relações interpessoais dos filhos?

9) Você considera seu filho tímido ou extrovertido?

10) O que você acha que esse comportamento atrapalha as relações interpessoais do seu filho?

11) Você gosta de atividade com artes?

12) Você permitiria viagens a centros históricos com seu filho?

13) Tem algum questionamento ou ressalva a fazer sobre hoje?

APÊNDICE 03. QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS (individual e de grupo)



Universidade Aberta

Departamento de Educação e Ensino a Distância

MAE - Mestrado em Arte e Educação

Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva- EMPNMPS

Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana-CEB-UEFS

O apropriar-se da Arte como uma forma de socialização e reabilitação social

QUESTIONÁRIO GRUPAL (Alunos)

1) O que compreendem por artes?

2) Vocês gostam de artes?

3) Para vocês o que trabalhamos em artes?

4) É possível o trabalho com artes ser prazeroso?

5) Onde podemos ver artes?

6) Vocês gostariam de fazer parte de um grupo ao qual iremos realizar oficinas de artes?

7) Seria possível através de atividades artísticas melhorar nossas expressividades em termos relacionais?

8) Quem já visitou um museu?

9) Quem gosta de Dança, cinema, música?

10) Já trabalharam com argila?

11) O que acham sobre as pinturas em tela: artes Plásticas?

12) Gostam da escola que estudam?

13) Quem aqui tem facilidade em fazer amizades?

14) Quem não tem essa facilidade em fazer novas amizades?



Universidade Aberta

Departamento de Educação e Ensino a Distância

MAE - Mestrado em Arte e Educação

*Escola Municipal Professora Neuza Maria Pires da Silva- EMPNMPS
Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana-CEB-
UEFS*

O apropriar-se da Arte como uma forma de socialização e reabilitação social

QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL (Alunos)

1) Qual seu nome completo?

2) Tem algum apelido que gostaria de ser chamado?

3) Se for necessário confeccionar um crachá qual nome devesse expresso nele?

4) Você gosta da escola?

5) Você se considera:

Tímido ()

Extrovertido ()

Fale um pouco dessa característica que você escolheu para se caracterizar

6) O que mais você gosta de fazer aqui?

7) Quem são seus melhores amigos? Realizam atividades juntos?

8) Como você se sente no ambiente escolar?

9) Qual a sua maior dificuldade na escola?

10) E fora d escola?

11) Qual ambiente é mais confortável para você?

12) Você mora com quem?

13) Como é sua relação com seus familiares?

14) Você costuma conversar sobre assuntos mais individuais com quem?

15) Como você se sente em ambientes públicos?

16) Você se considera:

Tímido ()

Extrovertido ()

Fale um pouco dessa característica que você escolheu para se caracterizar

17) A extroversão ou timidez já dificultou em alguma atividade, exemplos: sair com amigos ao cinema, apresentação de trabalhos em grupos na escola ou qualquer outra situação? Explique.

APÊNDICE 04. FOTOGRAFIAS DAS OFICINAS









